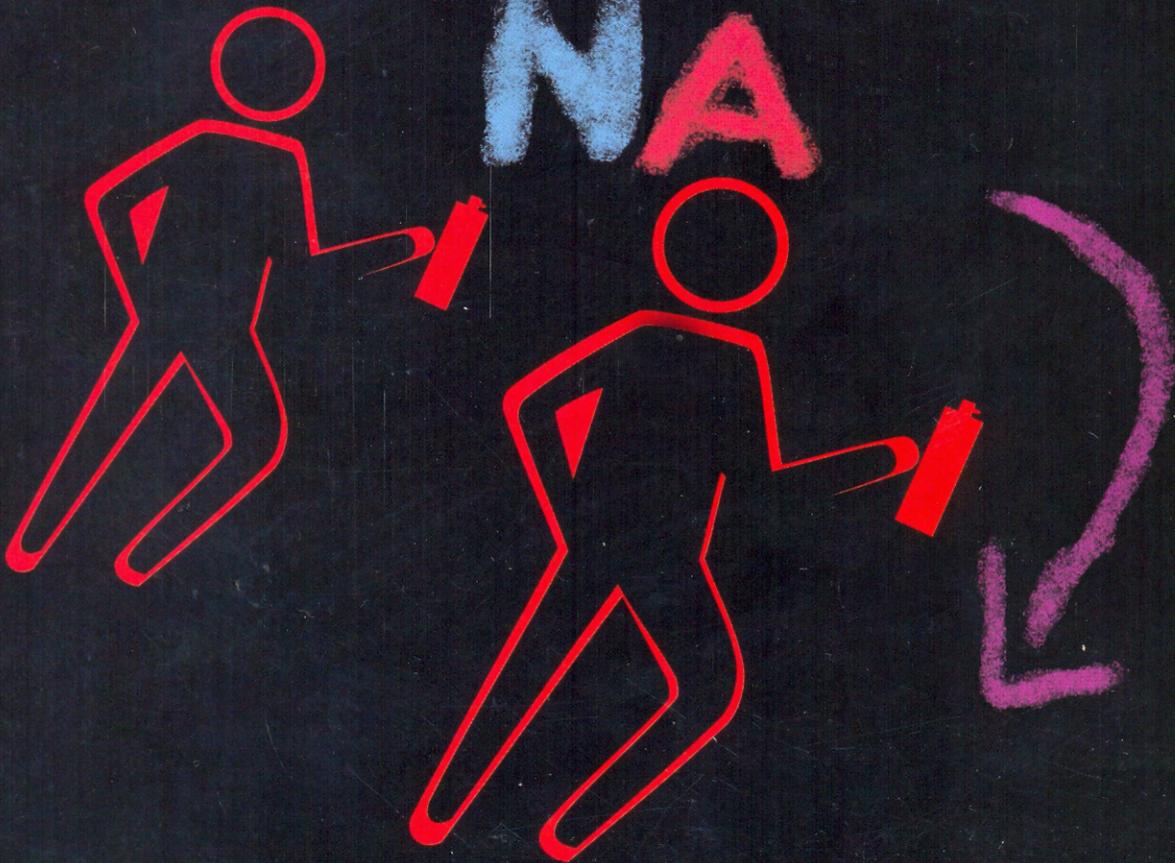


Oi e SESC Rio apresentam



CUIDADO

ARTE NA



ESCOLA

Artigos: Bethi Albano . Bruno Coutinho . Fátima Saadi . João Falção . Leninha Pires . Márcia Frederico . Maria Clara Sodré Gama . Ninfa Parreiras . Roberto Lent.

Texto Teatral: "A Viagem de Zenão" de Carlos Cardoso



O Melhor Caminho

Múltiplas inteligências. Infinitas formas de ver a vida. Tantas culturas. Tanta gente diferente por aí. Tanta coisa pra aprender. Tanta coisa pra pensar. Tanta arte pra fazer.

Como lidar com tudo isso? Como tornar o conhecimento um caminho para a felicidade? Como despertar em nossas crianças e nossos jovens a curiosidade sobre a vida? Sobre o saber?

Como tornar o aprendizado um prazer?

Como estimular os diferentes talentos de cada um?

Como valorizar cada ser humano como uma vitória da vida, única e assustadoramente milagrosa?

TODO MUNDO É DIFERENTE, MAS TÁ TUDO TÃO IGUAL é uma mesa redonda atípica. Uma mesa redonda que não é quadrada. Onde todos têm espaço para colocar suas opiniões, para falar de suas dúvidas, de seus medos e de seus anseios acerca da educação e da arte para crianças e jovens, de uma forma diferente.

Com humor, com diversão, com prazer.

Como a vida deveria ser.

Divirtam-se, pois! E pensem sobre tudo que vocês lerem por aqui.

Claudia Valli

Diretora e Autora Teatral

Há muito sentíamos a necessidade de criação de um fórum que promovesse a discussão sobre o fazer teatral e suas implicações no desenvolvimento da criança e do adolescente. Papel que tem sido desempenhado pelos seminários organizados durante estes anos de interação entre o SESC e o Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e a Juventude, promovendo o encontro entre especialistas e profissionais de várias áreas do conhecimento, cujas intervenções têm contribuído para um avanço expressivo do processo de educação e formação através da arte.

Em 2007, os debates giraram em torno do tema *Inteligências Múltiplas*, baseado nos conceitos de Howard Gardner, que defende a teoria de que diferentes inteligências podem ser desenvolvidas, desconstruindo a idéia anterior que se assentava na existência de um único padrão de inteligência, geralmente atribuído àqueles que detêm um raciocínio lógico-matemático.

Nesse sentido, abre-se um campo antes insuspeitado para os que têm vocação para as artes. Desvela-se um caminho para a compreensão da importância que o teatro pode e deve ter na trajetória de vida das crianças, uma vez que ele é instrumento de libertação, de inquietação, de incentivo à criatividade, de crítica e de aperfeiçoamento intelectual.

Os conhecimentos e informações apresentados, debatidos e socializados no seminário, e experimentados através da interação entre a teoria e a prática, estão registrados nesta publicação que constitui mais um significativo aporte para a literatura especializada sobre as artes cênicas.

O SESC sente-se, portanto, partícipe de um movimento de valorização do teatro infanto-juvenil, que se consolida por meio da organização de mesas de discussão, de oficinas e de mostra de espetáculos, contribuindo, assim, para a troca de saberes e experiências, que se traduzem na crença de que o teatro, acima de tudo, promove a inclusão social, a aproximação entre culturas e o respeito à alteridade.

O SESC e o CBTIJ têm ainda um longo percurso a trilhar para que as artes cênicas integrem o processo de formação educativa do público infanto-juvenil. Porém, os primeiros frutos já foram colhidos e fincados os alicerces de um trabalho consciente e conseqüente. Democratizar o acesso à cultura, tornar a criança e o jovem protagonistas de seu crescimento, sujeitos de sua transformação, ampliando os limites de seus conhecimentos e diversificando seu repertório de vida são compromissos que a instituição assumiu com o seu público, mantendo-o em sintonia com a produção artístico-cultural do século XXI.

Um Teatro com QI

Em junho deste ano, o Rio de Janeiro foi palco do que há de mais moderno sendo feito e pensado para a renovação da linguagem teatral infantil e juvenil no país. No centro da discussão deste 5º *Seminário Nacional CBTIJ de Teatro para a Infância e Juventude* predominou a teoria do psicólogo construtivista Howard Gardner sobre as inteligências múltiplas e suas possíveis aplicações no teatro-educação. Agora, para encerrar com chave-de-ouro o encontro, esta publicação amplia o debate que certamente não se esgotou nas oficinas, palestras e espetáculos apresentados na cidade, por especialistas e artistas de várias regiões brasileiras.

De lá para cá, nós do Oi Futuro continuamos a evoluir nessa mesma direção. Ao nos colocarmos na ponta dessa cena renovadora, apoiamos, pelo terceiro ano consecutivo, iniciativas como o Festival Intercâmbio de Linguagens, sem falar na criação do Prêmio Zilka Sallaberry, objeto de desejo da classe teatral carioca.

Aqui neste espaço identificado com o conceito de convergência, unimos de forma especial a arte e a tecnologia, promovendo artistas, manifestações culturais e sotaques diferentes em torno das novas linguagens artísticas. Compromisso de primeira hora do Oi Futuro, a programação do teatro traz, permanentemente, o que de melhor – e mais inovador – é produzido para crianças e a juventude. Um exemplo atual de inovação e ousadia é o espetáculo “Denise Stoklos em Teatro para Crianças”, primeira incursão dessa artista – destaque no cenário mundial pelo seu “teatro essencial” – no universo infantil.

Foi com muito orgulho que apoiamos esse evento promovido por uma das instituições que mais trabalha pela oxigenação do teatro infantil. Assinamos em baixo desse movimento que acredita na inteligência, na capacidade múltipla dos indivíduos para uma performance, maior ou menor, em qualquer área de atuação.

Nós também avisamos: CUIDADO (arte na) ESCOLA. Inteligências trabalhando para a sua alegria.

Maria Arlete Gonçalves
Diretora Oi Futuro

Teatro - Educação no CBTIJ

O núcleo de teatro-educação do CBTIJ começou suas atividades em 2003 objetivando promover reflexão sobre o fazer teatral para crianças e jovens.

Formado pelos profissionais Fátima Café, Ine Baumann e Sérgio Miguel Braga, tendo Ine Baumann como coordenadora. O núcleo já realizou cinco Seminários Nacionais de Teatro para Infância e Juventude: “Teatro-educação – a Educação da Sensibilidade” (2003); “Sensibilidade e Imaginação – Dramaturgia e educação” (2004); “Teatro, pra que serve?” (2005); “Tudo que é sólido desmancha no ar – teatro X jovem” (2006) e “Cuidado (arte na) Escola” (2007). Realizou também o I Encontro de professores e produtores de teatro (2004) e recebeu o Prêmio Myriam Muniz – Funarte/Petrobrás para produzir o projeto: “CBTIJ em ação – Encontros e oficinas” (2006).

Esse trabalho só foi possível como o apoio fundamental da Funarte, da valiosa parceria com o SESC Rio, e, em 2007, com a importante adesão da Oi Futuro.

Desde sua fundação, o núcleo de teatro-educação do CBTIJ vem pesquisando temas atuais e pertinentes aos educadores a fim de propor-lhes discussões instigantes que possam auxiliá-los em seus trabalhos.

Dessa forma, este ano o Seminário propôs discutir as teorias de Howard Gardner sobre as Inteligências Múltiplas. Porém, isso não se deu apenas através da exposição de palestrantes sobre o tema, mas também a partir de uma proposta inovadora de mesa-redonda. Assim: “Todo mundo é diferente, mas tá tudo muito

igual – uma mesa redonda que não é quadrada” contou com a apresentação de esquetes teatrais, roteirizados especificamente para a ocasião, que visavam provocar a discussão através de sua encenação.

Logo após o primeiro Seminário, o núcleo de teatro-educação percebeu a necessidade de registrar os valiosos depoimentos e debates ocorridos, para que um número maior de pessoas pudesse ter acesso. Então, a partir de 2004 a Revista do Seminário Nacional de Teatro para a Infância e Juventude vem sendo publicada e distribuída para mais de oitocentos estabelecimentos entre Universidades, centros culturais, bibliotecas, escolas de arte e etc., além de estar à disposição de todos os interessados na sede da entidade.

A partir de 2005, o seminário passou a promover fóruns de Leituras Dramatizadas com textos inéditos para crianças e jovens, selecionados por uma comissão. Os textos, além de serem lidos e discutidos durante o seminário, são publicados na Revista tornando-os acessíveis aos interessados.

Reafirmando uma das propostas do CBTIJ, a de proporcionar acesso a espetáculos para crianças de qualidade, é oferecida gratuitamente, durante o Seminário, uma mostra de espetáculos para alunos da rede pública e privada. E, para o público em geral, é oferecida a mostra de espetáculos na Lagoa Rodrigo de Freitas. Para tal, é montada ao ar livre uma lona de circo na qual as apresentações são realizadas. Nesses cinco anos de atividades pudemos oferecer às crianças do Rio de Janeiro a oportunidade de assistir: o palhaço Carequinha, em uma de suas últimas apresentações; Teatro Vento Forte com Ilo Krugli (SP); grupo Cuidado que mancha (RS); palhaço Xuxu com Luis Carlos Vasconcelos (PB); Grupo Circo Teatro Udi Grudi (DF); Zé Zuca (RJ); Tim Rescala (RJ); grupo Anima sonho (RS); Bia Bedran (RJ); Os Irmãos Brothers (RJ); grupo Gente Falante (RS); entre outros.

Este ano, o núcleo de teatro-educação conseguiu realizar um de seus maiores desejos: o de incentivar alunos e professores a se expressarem através das artes cênicas. Assim, a I Mostra Estudantil de Esquetes fez parte do 5º Seminário contando com a participação de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro. E, a partir dessa bem-sucedida experiência, o núcleo almeja criar a I Mostra Estudantil de Espetáculos.

Buscando aprimorar cada vez mais suas atividades e abrangência, o núcleo de teatro-educação do CBTIJ acredita que o teatro possa auxiliar na educação e na formação do indivíduo, possibilitando-o alcançar sua plena cidadania.

sumário

Mesa-Redonda: “Todo Mundo é Diferente, mas Tá Tudo Muito Igual! – uma Mesa-Redonda que Não é Quadrada”.

- . Apresentação (João Falcão)
- . A Importância do Teatro no Desenvolvimento Humano (Márcia Frederico)
- . A Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner (Maria Clara Sodré gama)
- . O Cérebro e a Educação (Roberto Lent)

pag. 10

Mostra Estudantil de Esquetes

- . Escola Estadual de Santanna
 - . Escola Tatuapé
 - . Capes
- ## **Comentários**
- . Bruno Coutinho
 - . Leninha Pires

pag. 25



pag. 23

Oficinas:

- . Som e Movimento
- . Talentos Múltiplos – Múltiplas Oportunidades

Texto: Bethi Albano

Expediente

Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude (CBTIJ)

Presidente: Márcia Frederico

Secretário: Sérgio Miguel Braga

Tesoureiro: Ana Barroso

Conselheiros: Alberto Magalhães . Álvaro Assad . Antonio Carlos Bernardes . Fátima Café . Heloísa Frederico . Ine Baumann . Leonardo Carnevale . Ludoval Campos . Marcos Edon . Mônica Biel

R. do Catete, 338 - slj 18 - Catete **Cep:** 22221-971 - Rio de Janeiro **Fone** (21)2205-4483 www.cbtij.org.br > cbtij@cbtij.org.br

Expediente

**Revista do 5º Seminário Nacional CBTIJ
de Teatro para a Infância e Juventude**

ISSN: 1808-1541

Ano: 2007

Coordenação: Ine Baumann

Direção de Produção:

Fátima Café e Sérgio Miguel Braga

Roteiro da mesa-redonda: Claudia Valli

Arte e Projeto Gráfico: Tita M. Bevilaqua

Assessoria de Imprensa: Stella e João Pontes

Fotógrafo: Paulo Rodrigues

Revisão: Paulo Telles

Equipe Administrativa do CBTIJ:

Irany Oliveira . André Bürger . Iara Porto

Fóruns:

Somar para Multiplicar

. A viagem de Zenão
(Fátima Saadi)

. Sobre uma aproximação entre
teatro literatura e psicanálise
(Ninfa Parreiras)

pag. 30



pag. 38

**Espectáculos oferecidos
durante o seminário e
encarte**

pag. 39

Texto Teatral:

A Viagem de Zenão

revista

“Todo Mundo é diferente, mas tá tudo muito igual!



não é



- uma mesa redonda que



quadrada

Aceitei participar do Seminário sem saber que teria que escrever um artigo. Nunca escrevi um artigo em toda a minha vida.

Minha participação aconteceria simultânea ao ensaio geral da peça Dhrama, da qual eu era autor e diretor. Infelizmente não pude ficar até o fim, pois tive que me deslocar para o ensaio.

Adorei a parte que vi e fiquei curioso para saber como se desenrolaram e finalizaram os trabalhos.

Por fim, aceitei irresponsavelmente a incubência de escrever em um formato que não domino, sobre um evento no qual estive presente apenas parcialmente, ainda mais sobre Educação, um assunto sério e que não é nem de longe a minha especialização.

Tentei, realmente, por diversas vezes, escrever o referido artigo, mas simplesmente não consegui. Sentia-me um impostor a cada frase que escrevia.

Enfim, fracassei. E só me resta pedir desculpas pelos transtornos que causei e torcer para que compreendam minhas dificuldades.

Para mim, foi realmente muito educativo, pois aprendi, definitivamente, a não me comprometer com algo que não sou capaz de cumprir, por mais atraente e simpático que seja o convite.

Mais uma vez, peço desculpas.

João Falcão

Diretor e dramaturgo, considerado um artista multimídia pelas diversas funções que executa. Trabalha em teatro, televisão e cinema. Recebeu 22 prêmios entre eles o prêmio Sharp e o Shell.

A Importância do Teatro no Desenvolvimento Humano

Márcia Frederico
Psicóloga (PUC - RJ),
psicodramatista
(Delphos - RJ), autora
e diretora teatral.

Muito já foi dito sobre as vantagens que inúmeras atividades exercem sobre o ser humano. Por exemplo, a criança que pratica algum tipo de esporte adquire melhor desenvolvimento físico, melhor coordenação motora, capacidade de concentração mais aguçada, aprende a colaborar com o grupo, respeita melhor as regras e assim aprende melhor a lidar com os limites etc.

Muito também já foi dito sobre as diversas aquisições envolvidas ao praticar algum tipo de atividade artística, e de acordo com a atividade praticada, adquire-se diferentes habilidades e capacidades.

Não é preciso ser um grande cientista para detectar esses ganhos tão importantes, apenas com uma observação mais aguçada podemos perceber as diferenças que o indivíduo apresenta antes e depois de passar por alguma dessas experiências. Porém, se quisermos ir um pouco mais além dessas constatações empíricas, podemos nos debruçar sobre as descobertas na área da neurologia e da própria psicologia para refletirmos um pouco mais sobre a importância desses diferentes estímulos para as pessoas.

Inteligências Múltiplas

Nos últimos vinte anos várias pesquisas vêm sendo feitas sobre o funcionamento do cérebro com aparelhos cada vez mais especializados para as diferentes verificações. Portanto, tem sido possível mapear o cérebro humano através de “varreduras” realizadas pelos aparelhos de ressonância magnética, por exemplo.

Nesses inúmeros estudos, chegamos à teoria das Múltiplas Inteligências, ou seja, temos em nosso cérebro diferentes áreas em

que são desenvolvidas, mais ou menos de acordo com a predominância de interesses de cada um, uma determinada inteligência. Bem, não é meu intuito aqui me estender profundamente sobre a teoria das Inteligências Múltiplas, apenas aproveito essa descoberta científica para embasar um pouco mais as reflexões que proponho sobre a importância do teatro no desenvolvimento humano.

O Teatro

Se pensarmos no teatro como uma das manifestações artísticas mais completas do ser humano, podemos dizer que ele é um excelente alimento de estímulos para as mentes ávidas das crianças. Uma vez que na composição de um espetáculo teatral temos a possibilidade de acrescentar a música que compõe a trilha sonora, as artes plásticas que aparecem nos figurinos, nos adereços cênicos, no cenário e em toda a plasticidade que a combinação entre esses elementos geram. Temos a dança e a expressão corporal no movimento e qualidade de gestos dos atores. Temos a literatura que pode ser explorada através da história que é, mais do que contada, “vvida” pelos intérpretes, e ainda associando o jogo teatral às múltiplas inteligências, percebemos que podemos acrescentar a lógica-matemática na organização em que as cenas são colocadas de forma a encadearem uma seqüência lógica que dará sentido à trama apresentada. Temos a inteligência naturalista ou biológica no momento em que o uso de efeitos especiais são utilizados e na própria iluminação que não deixa de ser um artifício engendrado pelo homem para manipular os elementos da natureza, criando diferentes sensações e ambientações. Temos a inteligência interpessoal uma vez em que o teatro é uma atividade de equipe, portanto é preciso saber lidar com o outro, e no momento em que esse grupo de artistas se apresenta, ele deve saber usar sua capacidade interpessoal para lidar com essa platéia criando uma empatia e despertando um carisma necessário para transmitir sua arte e estabelecer uma comunicação e, finalmente, a intrapessoal, que é essencial para o ator, pois exige que este tenha um auto-conhecimento desenvolvido uma vez que seu instrumento de trabalho é ele próprio, é preciso então que ele esteja sabendo administrar seus sentimentos e emoções para inclusive poder transmitir aqueles que são adequados no momento específico de quando se está em cena. E a intrapessoal também é desenvolvida pela platéia que

assiste a um espetáculo, uma vez que as situações vividas na cena teatral provocam neste espectador uma série de reações, sentimentos, emoções e uma vez que este entra em contato com seu mundo interno, pode administrar também seus próprios sentimentos, identificando-os, classificando-os e assim também participando de um processo de enriquecimento pessoal.

Existem várias maneiras de participar desse processo: atuando e participando ativamente da cena teatral, ou seja, sendo participante do jogo teatral como grupo em processo – isto é, fazendo aula de teatro, construindo um espetáculo, apenas jogando livremente sem um “líder profissional”; assistindo a um espetáculo teatral, que pode ser encenado por profissionais ou amadores mais ou menos qualificados.

Neste momento proponho refletirmos sobre as aquisições feitas no ato de assistir a um espetáculo teatral, pois sobre o processo de participação do jogo teatral me parece mais óbvio detectarmos os ganhos obtidos. Mas o que será que ocorre com uma criança ao assistir a um espetáculo de teatro?

A Criança e o Espetáculo Teatral

Escolhi falar sobre a criança como espectador porque daí podemos concluir os benefícios também conquistados pelo adulto ao longo do seu processo de desenvolvimento. Bem, tomemos a criança como referência, a neurologia, mais uma vez, nos informa que o cérebro da criança, na fase dos dois aos doze anos, está no auge do seu processo de construção, tanto que poderíamos dizer que se retirássemos um dos dois hemisférios, o outro conseguiria sozinho reconstruir todas as conexões necessárias, tal a sua plasticidade e capacidade de adaptação, fato que no adulto não ocorreria, pois o cérebro adulto encontra-se com padrões mais rígidos e mais solidificados. É nesta fase infantil também que está no auge a produção de mielina, substância que irá ajudar os neurônios a realizar as sinapses, ou seja, a comunicação entre as células se fazem de forma mais rápida e eficiente. É por este fato que podemos dizer que esta é a idade ideal para a aquisição de novos aprendizados, pois nossa mente está apta a fixar e memorizar novos conceitos, a se adaptar às novidades e a responder de forma mais espontânea aos estímulos externos.

Pois bem, se esta é uma fase áurea da psique humana, também é o momento em que devemos nos preocupar com o que estaremos oferecendo a essas mentes ávidas,

pois assim como não devemos sobrecarregá-la de estímulos, também devemos nos ater à qualidade do que está sendo oferecido. Assim como não devemos superalimentar uma pessoa gulosa, e nem lhe oferecer toda sorte de produtos existentes no mercado, essa é a preocupação com a qualidade do que esse jovem espectador irá assistir, por isso o teatro como qualquer outra arte ou ciência deve ser realizado por pessoas competentes que estudaram e preparam de forma cuidadosa o que estará sendo exposto e a quem.

A criança, ao assistir a uma peça, tem os seguintes benefícios:

- **Convívio social** – aprende a se comportar de determinada maneira para assistir ao teatro. Uma vez que ela não está sozinha, deve saber respeitar a concentração dos outros espectadores, fazendo um certo silêncio, e também não interferindo de forma inadequada no espetáculo, para que este possa se desenrolar sem grandes obstáculos. Temos aí a **relação interpessoal** em jogo.
- **Ampliação do seu repertório de histórias** – a cada nova peça que assiste é mais uma história que conhece, aumentando assim sua cultura geral, seu vocabulário com a compreensão de novas palavras e expressões, que dentro de um contexto ganham sentido e entendimento pleno. Nesse caso, sua **inteligência lingüística** está se estendendo.
- **Noções de lógica e causalidade** – ao assistir de fora a uma peça, a criança compreende melhor o conjunto das informações, percebendo a idéia de início-meio-fim. As cenas se encadeiam numa seqüência quase matemática na qual tal atitude causa tal impacto e assim por diante. Sua **capacidade lógico-matemática** entra em ação sem ela precisar se esforçar para isso.
- **Leitura da linguagem não-verbal** – muitos códigos são usados nas diferentes linguagens teatrais. Temos o uso da expressão corporal, da mímica, da dança, do circo, de sombras, de manipulação de bonecos e adereços de animação, de instrumentos musicais e de percussão. Uma infinidade de elementos que despertam a capacidade de leitura de signos que irão gerar novos significados, ajudando assim na construção do simbólico, operando de forma tal a desenvolver a capacidade de abstração no futuro próximo, falando aqui do conceito Piagetiano da construção da inteligência. E dentro da nossa teoria

das Inteligências Múltiplas teríamos nesse momento várias áreas predominando: a pictórica, a cinestésica-corporal e a musical.

- A elaboração de suas próprias emoções – ao se envolver com a história vivida no “palco” – a criança irá despertar uma série de sentimentos e reações emocionais. Ela irá vibrar, torcendo pelo herói, ela irá sentir raiva, medo, frustração, compaixão, ternura, tristeza e tantas outras sensações, que dependendo de como a história é conduzida, fará com que ela desencadeie um processo de elaboração desses sentimentos. Pode ser que ela precise desenhar sobre o que viu, que precise se movimentar fisicamente, que precise chorar, rir, contar e recontar trechos da história para os outros, ou até silenciar durante algum tempo. O que torna esse fato um tanto diferente de quando assistimos a um filme ou desenho animado? O teatro é ao vivo. As pessoas são de verdade e acessíveis. Há uma troca verdadeira “on line”, e se os atores forem sensíveis, o que geralmente são, eles saberão adequar o “tom” do espetáculo àquele determinado público, e isso faz uma grande diferença. Pois o ator percebe quando pode e deve exagerar um pouco mais em determinado aspecto da cena, se deve ou não sublinhar um outro trecho, de acordo com a resposta sutil dos olhares e ruídos das crianças. Temos aqui o aprendizado rico e verdadeiro da nossa **habilidade intrapessoal**.

Conclusão

Eis aqui algumas das infinitas contribuições que o teatro pode e deve fazer para ajudar na construção de um ser humano melhor, mais sensível e mais habilitado para lidar num mundo tão complexo quanto a mente humana é capaz de criar.

Maria Clara Sodré Gama
Doutora em Educação de
superdotados no Teachers
College da Columbia University
em Nova York (EUA).
Especializou-se na Teoria das
Inteligências Múltiplas de
Howard Gardner.

Múltiplas de Howard Gardner

Nos últimos vinte anos do século passado, a partir de grande inquietação com relação à visão de inteligência como algo mensurável e estável ao longo da vida de uma pessoa, novas concepções de inteligência surgiram. Uma dessas concepções foi proposta pelo neuropsicólogo Howard Gardner, da Universidade de Harvard, através da teoria das Inteligências Múltiplas.

Gardner propõe uma visão de inteligência que abrange aspectos biológicos e de funcionamento mental do indivíduo, suas interações com o meio-ambiente e as formas como o seu desenvolvimento é influenciado pela cultura a que o indivíduo pertence. Ele sugere que não existe apenas uma, mas múltiplas inteligências, relativamente independentes; considera inteligência como potencial biológico e psicológico; e propõe que esse potencial realiza-se, mais ou menos, como consequência de fatores culturais e motivacionais que afetam a pessoa ao longo de sua vida. Na sua teoria, Gardner apresenta oito inteligências e rejeita a dicotomia “herdado versus aprendido”, enfatizando as interações entre fatores genéticos e fatores ambientais. Gardner ressalta, no entanto, que embora essas inteligências sejam até certo ponto independentes, elas dificilmente funcionam isoladamente, e todas as ocupações com um mínimo de sofisticação dependem de mais de uma inteligência.

As inteligências de Gardner podem ser sintetizadas da seguinte forma:

- inteligência cinestésica: habilidade para resolver problemas ou criar produtos através do uso de parte ou de todo o corpo; habilidade para usar a coordenação motora ampla ou fina em esportes, artes cênicas ou plásticas, no controle dos movimentos do corpo e na manipulação de objetos com destreza;
- inteligência espacial: capacidade para perceber o mundo visual e espacial de forma precisa; habilidade para manipular formas e objetos mentalmente e, a partir das percepções iniciais, criar tensão, equilíbrio e composição, numa representação visual ou espacial. Gardner indica que é a inteligência principal de artistas plásticos, engenheiros e arquitetos;
- inteligência interpessoal: habilidade para entender e responder adequadamente a humores, temperamentos e motivações de outras pessoas; habilidade para perceber intenções e desejos de outras pessoas e para reagir apropriadamente a partir dessa percepção. Bons atores normalmente dependem dessa habilidade para interpretar diferentes personagens;
- inteligência intra-pessoal: habilidade para ter acesso aos próprios sentimentos, sonhos e idéias, para discriminá-los e lançar mão deles na solução de problemas pessoais; habilidade para reconhecer necessidades, desejos e inteligências próprios, para formular uma imagem precisa de si e para usar esta imagem para funcionar de forma efetiva;
- inteligência lingüística: sensibilidade para os sons, ritmos e significados das palavras, além de uma especial percepção das diferentes funções da linguagem; habilidade para usar a linguagem para convencer, agradar, estimular ou transmitir idéias. Segundo Gardner, é a habilidade exibida na sua maior intensidade pelos grandes poetas;
- inteligência lógico-matemática: sensibilidade para padrões, ordem e sistematização; habilidade para explorar relações e categorias através da manipulação de objetos ou símbolos, e para experimentar de forma controlada;

capacidade de lidar com séries de raciocínios, de reconhecer problemas e de resolvê-los;

- inteligência musical: habilidade para apreciar, compor ou reproduzir uma peça musical, para discriminar sons e para perceber temas musicais; sensibilidade para ritmos, texturas e timbre; e
- inteligência naturalista: habilidade para reconhecer flora e fauna, para fazer distinções e para agir produtivamente no mundo natural. Segundo Gardner, essa inteligência caracteriza pessoas como Darwin.

Em sua teoria, Gardner propõe que todos os indivíduos têm, em princípio, a habilidade de questionar e de procurar respostas usando todas as inteligências, pois possuem, como parte de sua bagagem genética, habilidades básicas em todas. O desenvolvimento de cada uma dependerá tanto de fatores genéticos e neurobiológicos quanto das oportunidades de desenvolvimento com que as pessoas se depararem ao longo da vida.

A noção de cultura é básica para a teoria das Inteligências Múltiplas. Com a sua definição de inteligência como a habilidade para resolver problemas ou criar produtos significativos em pelo menos um ambiente cultural, Gardner sugere que alguns talentos só se desenvolvem porque são valorizados pelo ambiente: cada cultura valoriza certos talentos e estes, dominados por um número de indivíduos, são passados para a geração seguinte.

Uma criança pode ter um desempenho de alta qualidade em uma área e estar na média para sua idade, ou mesmo abaixo da média, em outra ou outras. Cabe, portanto, sobretudo aos educadores, incentivar aprendizagens em todas as inteligências, criar oportunidades para um desenvolvimento superior nas áreas em que o aluno se destaca e auxiliá-lo a se desenvolver nas áreas de dificuldade, auxiliado por aquelas nas quais tem um desempenho bom. Só assim veremos despontar talentos em todas as áreas da produção humana.

Roberto Lent

Neurocientista com doutorado em ciências biológicas (biofísica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutorado no Massachusetts Institute of Technology.

Não há dúvida entre os neurocientistas de que o cérebro é um protagonista essencial para a aprendizagem, e portanto para os processos educacionais cujo objetivo principal, em última análise, é sistematizar a capacidade natural de aprendizagem dos indivíduos.

Também não há dúvida de que o conceito de Inteligências Múltiplas se apóia fortemente no fato de que são também múltiplas e numerosas as capacidades funcionais do cérebro, que se estendem do controle da motricidade à expressão lingüística, do comando do coração às manifestações emocionais, da percepção sensorial ao pensamento analítico, e assim por diante.

O que é incerto e motivo de intensa investigação é o modo como essa participação se dá, quais os mecanismos que permitem a sua expressão.

A aprendizagem é um aspecto da memória, e esta tem como base a neuroplasticidade, que é a propriedade intrínseca do sistema nervoso de alterar a sua morfologia e a sua função sob influência do ambiente. Quando o ambiente incide drasticamente sobre o cérebro, como ocorre nos traumatismos e em muitas doenças, há uma perda funcional mas também uma reorganização dos circuitos cerebrais que podem recuperar parcialmente

a perda inicial. Quando o ambiente incide mais suavemente, como ocorre todos os dias pela nossa interação social e natural, os circuitos cerebrais envolvidos em cada função respondem alterando – para mais ou para menos – a consolidação de sua constituição.

Por exemplo: uma criança que aprende a tocar um instrumento musical, através de um treinamento sistemático, reforça os circuitos neuronais envolvidos nessa atividade. As áreas motoras que comandam os dedos de um violonista tornam-se mais extensas do que nos demais indivíduos que não cultivam a música. Da mesma forma, as regiões auditivas do córtex cerebral dedicadas à percepção musical se tornam mais amplas. Isso indica que os circuitos correspondentes se fortaleceram ao longo do treinamento.

Como o cérebro é finito, embora imensamente grande na quantidade de neurônios de que dispõe, e mais ainda se considerarmos os circuitos entre esses neurônios, o envolvimento de mais circuitos em uma determinada função significa necessariamente o envolvimento de menos circuitos em outras funções. Por isso não se pode ser excelente em tudo, e é esse aspecto que justifica o realismo da concepção das Inteligências Múltiplas.

Para a escola e para a família, portanto, o ideal teórico seria a oferta do maior número e variedade possível de oportunidades e estímulos para as crianças estimularem de modo múltiplo seus cérebros. Cada uma descobrirá, nessa multiplicidade, aqueles aspectos que mais lhe causam prazer, ou aqueles que mais proficientemente realiza, e naturalmente acentuará seu envolvimento com eles. Os músicos se revelarão tanto quanto os desportistas e os cientistas, pelo exercício que estarão fazendo sobre as áreas e circuitos correspondentes de seus cérebros.

Os seres humanos são múltiplos, portanto, porque seus cérebros são plásticos. Cabe à sociedade, e à escola em particular, oferecer estímulos múltiplos às crianças e admitir a diferença de aptidões e buscas para melhor fazer florescer as individualidades.

Oficinas

Som e Movimento



Talentos Múltiplos – Múltiplas Oportunidades de Expressão

Som e Movimento

A Oficina Som e Movimento propõe o desenvolvimento da percepção sensorial, da imaginação, da compreensão da forma, da linguagem sonora e corporal, através de jogos e brincadeiras, estimulando a intuição, emoção, reflexão e memória dos participantes, criando um ambiente agradável de aprendizado.

Som quer dizer movimento. Ele se manifesta como uma força, uma energia que se move. Sua forma é o resultado de uma evolução no tempo, que se chama dinâmica. Para adquirir um senso musical é necessário experimentar com sua voz e seu próprio gesto todas as dinâmicas sonoras ligadas à sua emoção. Através do gesto, adquirimos o senso de duração, timbre, altura, ataque, ou seja, da evolução da sonoridade dentro do tempo. Como intermediário entre o pensamento e o som produzido, o gesto traduz tudo o que o autor quis colocar neste som e, quando ele é musical, é que ele é precisamente ajustado à emoção e à intenção do autor. O gesto é, portanto, da mais alta importância na fabricação do som pois é ele que veicula o pensamento. O gesto pode ser vocal ou instrumental. No primeiro caso ele está, sem dúvida, mais próximo do pensamento musical imediato. Ele permite uma invenção ilimitada de timbres, um controle do tempo diretamente ligado às pulsações

Bethi Albano

Compositora e professora de música da Escola de Dança Angel Vianna, da Faculdade Estácio de Sá, do Ceat e da ONG Revivarte.

mais profundas. É do gesto vocal que nasce a melodia e o nosso sistema musical ocidental. Nele já estão contidas todas as possibilidades musicais: melodia, timbres, ataques, senso de tempo. O gesto instrumental é mais limitado, pois é totalmente dependente do material com o qual lidamos. Menos imediato, intermediário entre o pensamento e o som, ele necessita e privilegia uma escuta mais detalhada.

Um dos elementos fundamentais da linguagem expressiva da música reside no parentesco do esquema rítmico e melódico e os esquemas gestuais que acompanham o comportamento humano. Os estados físicos fundamentais (calma, excitação, tensão, relaxamento, exaltação, depressão) se traduzem ordinariamente por formas gestuais que têm ritmo definido pelas tendências e direções espaciais (ascensão-depressão-horizontalidade), por modalidades de organização das formas parciais, no centro de formas globais (repetição, diversidade, periodicidade, evolução etc.).

Para adquirir um senso musical é necessário experimentar com sua voz e seu próprio gesto todas as dinâmicas sonoras ligadas à sua emoção. Se percebemos os sons mais interessantes, ou seja, mais verdadeiros para nós, esses sons terão uma qualidade cada vez mais musical. A qualidade do som depende da qualidade do gesto.

O homem aprende através dos sentidos. O desenvolvimento da sensibilidade deveria ser a parte mais importante do processo educativo.

Mostra Estudantil de Esquetes



Escola Tatuapé
Escola Estadual de Santanna
Capes



Comentários sobre a mostra de esquetes estudantis do seminário do CBTIJ

Bem, ser breve constitui uma dificuldade para mim, principalmente levando em conta a importância da iniciativa do CBTIJ na organização e na resistência em continuar organizando esse seminário; e a responsável preocupação desta equipe em inovar as linguagens desse evento no sentido sempre de alcançar mais e melhor seu público e suas metas.

Mais uma vez o CBTIJ foi muito feliz em propor inovações no formato de suas mesas, e principalmente em criar essa mostra de esquetes estudantis, espaço ímpar para socialização e trocas de vivências dos jovens, campo prático do que é por nós desenvolvido em sala de aula, e ambiente necessário para o crescimento (em alguns casos surgimento!) da auto-estima deles.

A mostra foi um verdadeiro intercâmbio de linguagens. Processo de aprendizado de fato, e em tempo real!

Quem viu a alegria e entusiasmo nos rostos daqueles jovens, entende o que eu falo.

Bem, mas vamos aos fatos!

Sou Bruno Coutinho da Hora. Sou professor de artes cênicas da E.M.Rodrigues Alves.

A escola em questão é pequena, com sete turmas por turno, das quais leciono em seis.

Bruno Coutinho
Professor de Artes Cênicas.

Leciono artes na grade, na maior parte das turmas em dois tempos semanais quebrados.

Tenho por turma uma média de quarenta a quarenta e cinco alunos e desenvolvo meus trabalhos em sala de aula comum com mesas e cadeiras.

Temos uma direção (profª. Leda Aguiar) e coordenação pedagógica (profª. Sionéia) profundamente comprometidas e preocupadas com a qualidade da relação ensino-aprendizagem e entusiastas dos trabalhos artísticos no cotidiano da nossa comunidade escolar.

Como fica claro através dos fatos descritos, os prós são menores que os contras. Existe grande vontade por parte da comunidade escolar em manter a qualidade das atividades desenvolvidas na escola, entre elas as atividades artísticas, mas só boa-vontade não é o bastante! A maré contrária muitas vezes é muito forte!

Este contexto é emblemático de tantas outras escolas públicas do Rio de Janeiro. E, nesse contexto, desenvolver trabalhos artísticos práticos com o mínimo de qualidade estética é exceção!

Esta é a realidade da cena “aquecimento global”, que foi levada para a mostra de esquetes estudantis do seminário do CBTIJ: uma sequência de exceções.

Alunos que se destacam em uma ótima turma de sétima série, de uma escola localizada fora de comunidade e com clientela diferente do que costuma se encontrar na maioria das escolas públicas. Estes alunos que já desenvolveram seus talentos dramaturgicos em anos anteriores, nas oficinas de dramaturgia das aulas de artes, escreveram uma cena a partir de uma atividade extracurricular na ABL, onde receberam, de forma lúdica, informações sobre preservação da natureza e aquecimento global.

Eu, a prof^a. Carmem (língua portuguesa), e o prof. Ricardo (ciências) trabalhamos em aula e fora do horário (em horários que nenhum centro de estudos ou horário complementar poderia contemplar!) na correção e implementação do texto dramatúrgico e no levantamento das marcas e intenções desta cena.

Tivemos valoroso apoio de muitos pais, que compreenderam a necessidade de seus filhos comparecerem na escola em horários alternativos, e que não só autorizaram, mas acompanharam seus filhos em um sábado, quando todos têm uma série de compromissos em casa e no trabalho.

Muitos pais desembolsaram dinheiro, juntamente comigo, para custear as passagens dos jovens, uma vez que o município entende que estes só devem usar o rio card de segunda a sexta, como se as escolas não trabalhassem nos fins de semana em atividades curriculares e extracurriculares, como se os jovens não precisassem se locomover para confecção de atividades em grupo, atividades de casa... como se os jovens não precisassem de cultura e lazer independente das iniciativas paternalistas do governo.

A cena “aquecimento global”, simples em seu desenvolvimento dramatúrgico, e frágil esteticamente falando (principalmente em face dos trabalhos desenvolvidos em contextos diversos como os núcleos de arte e escolas privadas), é para nós um fruto de muitas exceções e resultado de muito esforço conjunto, que emblema o constante “remar contra a maré” de profissionais que, embora desprestigiados e mal-pagos, continuam lutando por uma escola de qualidade, para desespero dos governos e de seus artífices do sucateamento escolar.

Um pequeno comentário sobre a I Mostra Estudantil de Esquetes

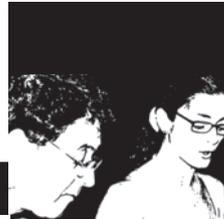
A iniciativa de projetos pedagógicos promovidos por instituições que também apostam nos valores da arte é, para nós, arte-educadores, sem dúvida, muito importante. Pois torna-se um incentivo aos estudantes e um estímulo aos educadores e seus trabalhos de pesquisa. Ao estabelecer parcerias com o “lado de fora” da escola valorizamos nossa diversidade cultural.

Como educadora, na I Mostra Estudantil de Esquetes, pude perceber que meu trabalho foi reconhecido não só pelos colegas da SME (Secretaria Municipal de Educação), mas também por outros parceiros que estão juntos na construção de conhecimentos, de novos processos e produtos diferentes.

O encontro no SESC-Copacabana nos proporcionou valiosos diálogos e trocas. Foi uma oportunidade ímpar para jovens que dificilmente têm acesso aos espaços culturais como o espaço mágico do Teatro. Foi Show de Bola!!!

Elena Gurgel Pires – Leninha
Ensina Teatro de Bonecos na Escola
Municipal George Pfisterer.

Somar para Multiplicar



Fóruns



Leituras Dramatizadas



Teatro-Educação

A viagem de Zenão¹

Fátima Saadi

Tradutora e dramaturgista da Cia. Teatro do Pequeno Gesto. Edita a revista Folhetim e a coleção Folhetim/Ensaio.

Numa ida rápida à *Encyclopaedia Britannica*, encontro Zenão de Eléia (c. 495 a.C. - c. 430 a. C.), filósofo e matemático grego, reconhecido por Aristóteles como o inventor da dialética. Zenão ficou conhecido particularmente por seus paradoxos, que contribuíram para o desenvolvimento do rigor lógico e matemático, e que pareciam insolúveis até que foram desenvolvidos conceitos precisos de continuidade e de infinitude.

Nos manuais de teatro, uma das definições mais recorrentes para esse domínio da criação artística é a que acentua seu caráter de arte espaço-temporal, na medida em que ele lida com enorme variedade de signos, plásticos e verbais.

Espaço e tempo são conceitos estruturantes de nossa percepção do real e, atendo-nos apenas à história do teatro, podemos perceber como a compreensão desses dois elementos se alterou ao longo das diferentes épocas teatrais. Aristóteles recomenda a unidade de ação e de tempo, nas tragédias, como garantia de boa construção da trama;² o Renascimento torna ainda mais rígido o esquema, exigindo também a unidade de lugar, em nome da verossimilhança.

Evidentemente houve outros países, como a Inglaterra, com os autores elisabetanos, e a Espanha, com o Século de Ouro, que não se curvaram a essas determinações de eruditos da Renascença, assumidas pelos franceses como o supra-sumo das regras poéticas. E com os primeiros sinais do movimento romântico, surgidos na Alemanha por volta de 1770, essa rigidez foi superada.

Mas achei curioso ler para vocês o que diz, em 1657, na França, o Abade d'Aubignac, em seu livro *A prática do teatro*, e que nos mostra a rigidez da época de Galileu, que morre em 1642, a respeito dos conceitos de espaço, lembrando que essa rigidez se espraiava por todas as instâncias da sociedade da época:

Também é contrário à verossimilhança que um mesmo espaço e um mesmo solo que não sofrem nenhuma modificação representem ao mesmo tempo dois lugares diferentes, por exemplo, a França e a Dinamarca [...] Para fazer isto [...] seria preciso, no mínimo, ter estes palcos que giram inteiros, visto que, por este meio, o lugar mudaria inteiramente, bom como as pessoas que agem, mas ainda assim seria preciso que o tema fornecesse uma razão de verossimilhança para esta mudança e, como isto só pode acontecer pelo poder dos deuses que mudam a seu bel-prazer a face e o estado da natureza, duvido que se pudesse fazer uma peça razoável recorrendo a dez ou doze milagres.

Portanto, que fique assente que o lugar onde se supõe que está o primeiro ator que faz a abertura da cena seja o mesmo até o fim da peça e que, como este lugar não pode sofrer nenhuma modificação em sua natureza, que ele também não possa admitir nenhuma modificação na representação e, por conseguinte, que nenhum dos outros atores possa aparecer num outro lugar de maneira razoável.³

A sensação que tenho é que *A viagem de Zenão*, de Carlos Cardoso, foi escrita para provar que o espaço em teatro é tão plástico que pode condensar vários tempos, para além da lógica do Abade, ainda tributária da lógica aristotélica da não contradição e da lógica cartesiana.

Alargar o conceito de verossimilhança para além do mero decalque da aparência da realidade, e inserir o teatro na tarefa de pensar o mundo, esquivando o moralismo, foram tarefas a que se dedicou, com grande êxito, Bertolt Brecht, com quem *A viagem de Zenão* dialoga de forma bastante franca.

No teatro para crianças e jovens, observa-se com menos frequência a submissão do espetáculo à cópia da aparência do real, mas, em contrapartida, o real aparece muito menos como tema. O grande perigo que ronda esse segmento do teatro é o didatismo. Daí minha surpresa e alegria ao encontrar uma peça que trata do tempo histórico e de questões ligadas a várias de nossas formas de apreensão do real (a religião, a alquimia e a ciência), sem abrir mão da imaginação e sem cair no didatismo. O segredo talvez esteja em que a peça faz de tempo e espaço, e de seu entrelaçamento, não apenas tema, mas, sobretudo, forma.

A desorientação que nos toma, na cena inicial, vai cedendo à medida que a peça se desenvolve. É o que acontece com os cientistas e os artistas: de início, tudo é interrogação, silêncio, dúvida a respeito da nossa possibilidade e de nossa capacidade de formular e encaminhar os problemas.

Diversos modos de raciocínio são apresentados ao longo da trama e muitos deles explorando a diversidade de pontos de vista ou de interlocutores envolvidos na discussão: “[...] então!... Não era ele que aparecia, desaparecia... era eu que via... não via! Era eu...” (p. 2) ou ainda: “De onde você veio? – Eu viajei no tempo. (À *platéia*.) Eles acharam perfeitamente normal” (p. 2).

O senso comum é mostrado como uma construção reforçada pelo poder (não é possível sentir que a Terra gira, mas a imobilidade dela é pedra de toque do poder da Igreja). A observação do céu através do telescópio demonstra que, a partir do mesmo objeto de estudo – o céu estrelado – diferentes pontos de vista conduzem a diferentes teorias: Galileu reformula a concepção do sistema solar; Alquimíades valoriza o Zodíaco e as possibilidades mágicas do uso da Luz das Estrelas.

A forma de contar a história, a partir de diversos narradores, evoca o ajuste das lentes do telescópio: temos a moldura do nosso presente, com os loucos que ajudam Zenão a relatar o que lhe sucedeu; temos a viagem no tempo a partir do século XX em direção ao século XVII, com Einstein, que, esperamos, tenha conseguido voltar à sua época (e a História nos garante que ele voltou) e a viagem em sentido contrário, com Zenão que acaba no manicômio (em boa piscadela de olho ao livro de Erwin Gofman *Manicômios, prisões e conventos*). Além disso, temos a viagem no espaço, com Matilda, que vai para a Suíça com os escritos de Galileu, e o exotismo do Novo Mundo, presente no chocolate, proveniente do México.

A brincadeira com os referenciais cambiantes (estamos num mosteiro na Itália, no século XVII, mas estamos aqui, como comprova a marchinha de carnaval: “Foi numa tourada em Madrid” e a montagem do próprio espetáculo), a multiplicidade de pontos de vista (da Inquisição, da ciência, dos jovens, dos loucos), encontram eco na proliferação de elementos da trama e da ambientação cênica (receitas do futuro, porcos que voam, segredo sobre a condição de Matilda), bem como na tradução de Einstein, que já chega falando a língua dos personagens (italiano que, na verdade, é português). E o mais encantador é que tudo fica muito bem amarrado.

Para concluir, gostaria de dar os parabéns ao autor, por muitos motivos. Primeiro pelo belo texto, criativo e denso, dirigido a uma faixa etária muito mal-servida de peças, até onde eu posso ver. Quase não há peças para pré-adolescentes e adolescentes. Segundo pelo uso do humor inteligente, que brota da própria trama, mas que abre um diálogo com as linhas de força da sociedade ocidental: a autoridade, a ciência e suas aplicações técnicas, a dificuldade de lidar com a multiplicidade de opiniões, de tempos e de realidades. Enfim, é um prazer acompanhar esse verdadeiro jogo de armar, em que os fatos pertencem a várias teias e, em cada uma delas, assumem um significado rico e pleno. Muito obrigada.

¹ Este texto foi apresentado como comentário à leitura dramatizada da peça *A viagem de Zenão*, de Carlos Cardoso, no 5º Seminário CBTIJ de Teatro para a Infância e a Juventude, em 14 de junho de 2007.

² Na *Poética*, a importância da unidade de ação é reiteradamente enfatizada (sendo claramente formulada no capítulo VIII), a unidade de tempo é mencionada como decorrente da unidade de ação (cap. V e VI) – e a unidade de lugar não é sequer mencionada. No que diz respeito ao tempo, pairam dúvidas se Aristóteles estava se referindo à duração dos acontecimentos da trama ou à duração do espetáculo. Cf. Aristóteles. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. In: _____. *Aristóteles*. p. 482-483. (Os pensadores).

³ François Hédelin d’Aubignac. *La pratique du théâtre*. Genève. Slatkine Reprints, 1996, p. 101. O que está em jogo aí é a verossimilhança, ou seja, a capacidade de fazer com que o espectador acredite no que está vendo, para que o teatro exerça sobre ele o efeito que se deseja obter. No caso das tragédias, o efeito visado era a catarse. No caso dos “dramas sérios” do período iluminista, era “fomentar o amor à virtude e o horror ao vício”, nas palavras de Diderot. O conceito de verossimilhança, tomado ao pé da letra, a partir do século XVIII, se restringe, na maior parte das vezes, à busca do verídico, tornando vitoriosa a tendência ao realismo-naturalismo que ainda hoje predomina em nosso teatro.

Sobre uma Aproximação entre Teatro, Literatura e Psicanálise

Ninfa Parreiras

Psicanalista, Especialista em Literatura Infantil, com Mestrado em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo – USP. É autora de livros para crianças, como *A velha dos cocos*, da Editora Global e *Com a maré e o sonho*, da Editora RHJ.

Bela a iniciativa do CBTIJ de organizar o Seminário Nacional de Teatro para a Infância e a Juventude. Um seminário que já está na sua quinta edição e tem se firmado como uma marca de uma iniciativa que agrega o teatro a outras expressões de arte como a Literatura e a Música. É também um convite à escola para dialogar com aqueles que fazem teatro, ou seja, cria pontes de comunicação entre os educadores, os professores e os diretores, produtores e atores. Enfim, uma troca de conhecimentos e de possibilidades de trabalho com o teatro. O teatro sai do palco e desce para perto do seu público, nas praças e nas escolas, ao criar um ambiente possível em um país cheio de diversidades culturais, de variedades lingüísticas, de expressões artísticas.

Parabenizo ainda a iniciativa do CBTIJ pela realização do Concurso de peças e pela Leitura Dramática seguida de debate. Além de ser um incentivo aos criadores de texto de teatro, é um momento para se escutar a leitura dramatizada de uma peça, tão importante para a criança e o adolescente ouvirem outras vozes e outras pessoas. É pela escuta que aprendemos a conhecer o outro e a reconhecer nossos limites, nossos problemas. Esta é uma iniciativa para ser feita nas escolas, nas salas de aula: a leitura dramática de textos teatrais.

Na produção brasileira de literatura infantil e juvenil, há poucas publicações de teatro para crianças. Duas importantes iniciativas dos últimos anos incentivaram essa produção: a criação do Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil FNLIJ de Teatro, em 1997, e a Coleção Literatura em Minha Casa, do Programa Nacional Biblioteca em Minha Casa, do PNBE, iniciada em 2001, trazia na coleção de cinco títulos um volume dedicado ao teatro. Com isso, o mercado de livros para a infância e a juventude tem publicado obras de teatro para esse público. O valor da leitura dramatizada para a infância traz a possibilidade de o leitor não só ler o texto, mas de ouvi-lo (as palavras, a musicalidade, a voz do outro, o lugar de um outro).

“A Viagem de Zenão”, peça selecionada para leitura e debate, é um trabalho bastante lúdico. A mudança dos cenários, dos tempos e dos pontos de vista enriquece a narrativa. Por sua vez, a sucessão de bonecos e a metamorfose a caracterizam como obra literária pelo trânsito fluente no imaginário e na fantasia. Zenão pode ser um Zé que não é, um apelido bem popular e brasileiro.

Ao pesquisar sobre Zenão (495 a.C. / 430 a.C., Eléia, Vélia, Itália), descubro que é considerado o criador da Dialética. Discípulo de Parmênides, ele participa da elaboração dos paradoxos. Isso me faz associar a história de Zenão à do personagem, que cria um debate em torno às questões da ciência. Na peça, nos deparamos com o clima de um mosteiro, em um ambiente medieval, com monges e elementos de época. A presença marcante da cozinha e da comida nos remete à sobrevivência básica e à fase de oralidade da criança, uma das mais estruturantes de sua psique. E nos remete ao prazer e à satisfação.

Chamo a atenção para a presença de aspectos como a loucura, o escuro, a magia, a alquimia e as metamorfoses. Estão todos no mesmo campo semântico: o da desrazão, da ilogicidade, do que não conhecemos. Isso é muito instigante para a criança – leitora e espectadora. Uma literatura voltada à infância compartilha desses propósitos: os de romper com o padrão imposto e propor uma linguagem própria.

Destaco ainda a abordagem da Ciência, representada, principalmente, pela Física, pela Astronomia. É um convite aos adolescentes e às crianças a conhecerem mais e a entenderem as coisas do nosso Universo. O texto mostra os caminhos da investigação científica, os obstáculos e a disputa pelo conhecimento. Vivemos numa época marcada

pelo consumo e pelo avanço tecnológico, que desmerece muitas vezes o conhecimento construído, descoberto com a pesquisa, tão bem apresentados na peça. A história aponta um caminho para a investigação, a descoberta, o conhecimento. Esses são elementos presentes na vida de nossos adolescentes, ávidos por conhecerem mais sobre o mundo.

Na peça “A viagem de Zenão” identifiquei inúmeras possibilidades de associações com a literatura infantil. A primeira delas com a obra de Monteiro Lobato, O Sítio do Pica-pau Amarelo. Lá a criança tem voz, olhar, espaço. Há uma valorização da linguagem coloquial e do ponto de vista infantil. Em “A vingança de Zenão”, o valor da infância é posto em discussão e em relevo. A criança inventa, cria, como acontece com os personagens na peça e, muitas vezes, é punida pelo que constrói, por fugir aos padrões do mundo adulto.

O desejo é o que nos norteia, o que nos conduz, nos motiva. A presença do desejo na peça marca um espaço para a realização dos sonhos objetivos dos personagens e dos subjetivos de nós, leitores.

Merecem destaque o tempo físico, o tempo histórico, o tempo ilógico, o tempo subjetivo. Passado e futuro. A peça se lança para o futuro. E para as possibilidades de se brincar com esses tempos tão difíceis de serem compreendidos pelas crianças. Há um mecanismo de projeção anterior e posterior ao tempo presente da peça. Há um jogo, uma brincadeira com os tempos. Cabe ao leitor, espectador, construir o seu próprio tempo de escuta e entendimento.

Sabemos das feridas narcísicas que caracterizam a humanidade: primeiramente, Copérnico diz que a Terra não é o centro do Universo, a teoria heliocêntrica; depois, Darwin que diz que o homem descende do macaco e, em terceiro lugar, Freud, que afirma que há em nós uma parte inconsciente (“O eu não é senhor da sua própria casa”). Mais um aspecto importante do texto que abre espaço para as questões da modernidade, ainda em cena na nossa contemporaneidade.

Finalmente, quero dizer que os porcos que voam me remetem a um bestiário. Como se fossem monstros mitológicos que voam e assustam, representam o desejo de ser livre e de reinventar as coisas. Por que não?

Espaço Sesc

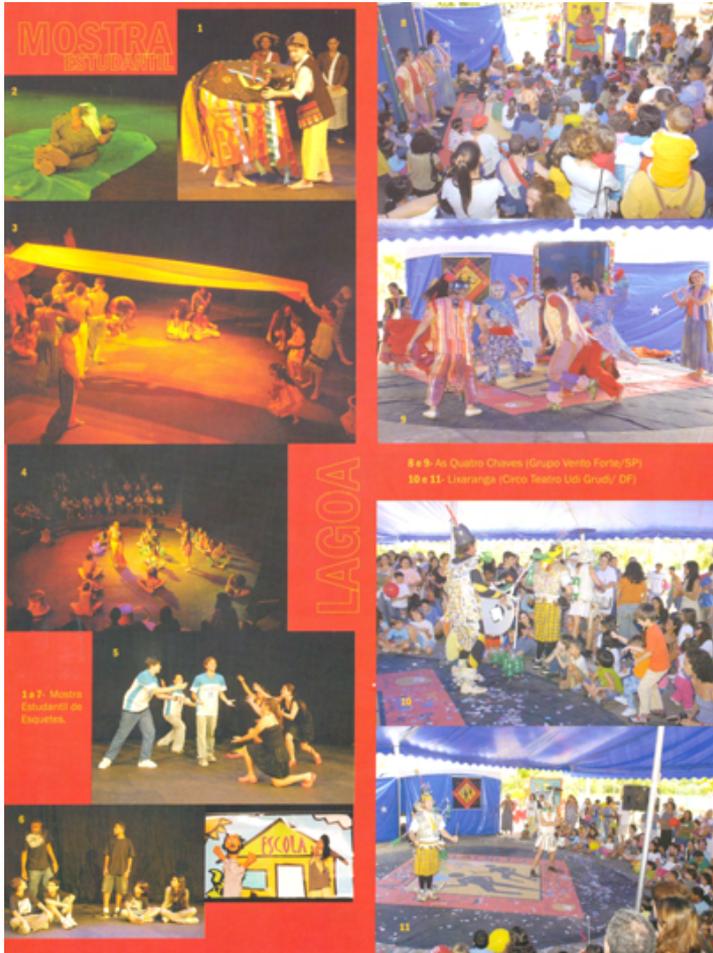
“Música e Literatura” de Tim Rescala
“O Cano” com o Grupo Circo Teatro Udi Grudi – DF
“Ovo” com o Grupo Circo Teatro Udi Grudi – DF



Lagoa Rodrigo de Freitas – parque dos patins

Apresentação: Palhaço Xodó (Leonardo Carnevale)
“As quatro Chaves” com o Grupo Vento Forte (SP)
“Lixaranga” com o Grupo Circo Teatro Udi Grudi – DF
“Silêncio Total vem chegando um palhaço”
palhaço Xuxu (Luiz Carlos Vasconcelos) – PB





MOSTRA ESTADUAL

LAGOA

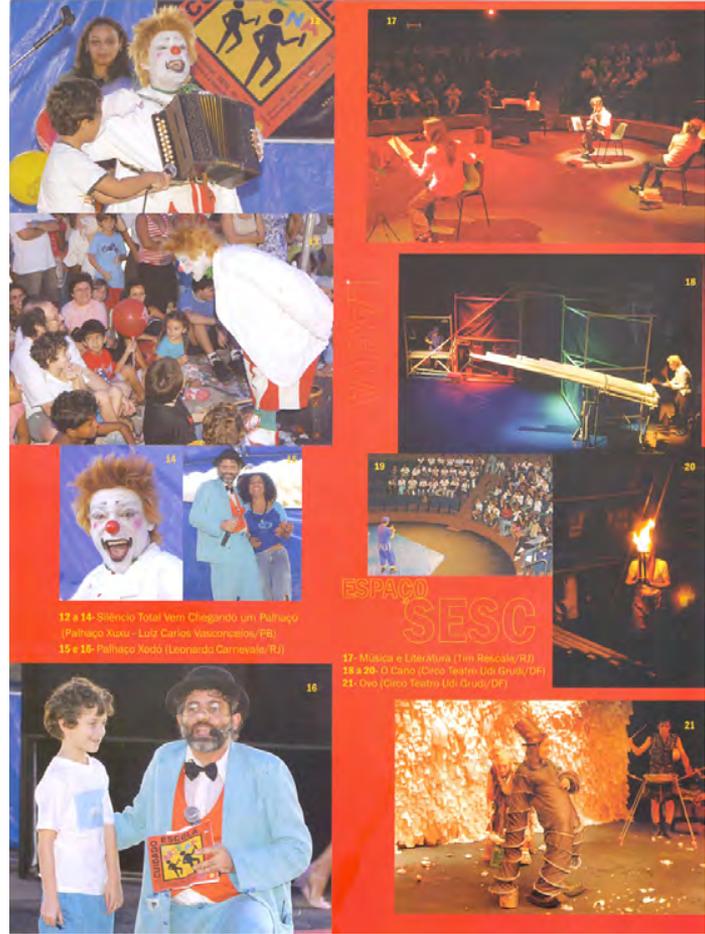
8 e 9 - As Quatro Chaves (Grupo Vento Forte/SP)
10 e 11 - Lutaranga (Círculo Teatro do Gráfico/DF)

14 e 15 - Mostra Encantado em Encantos



MESA REDONDA

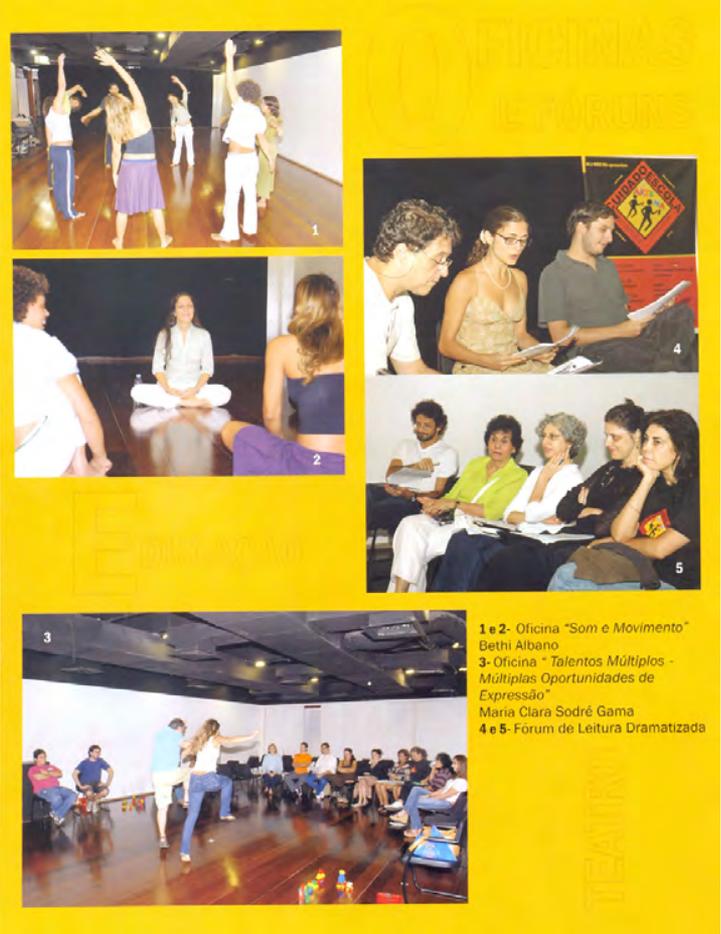
- 1 - Equipe do CBTU
- 2 - Gustavo Ottoni
- 3 - Ine Baumann
- 4 - Maria Clara Sodré Gama
- 5 - Abertura - Eduardo Laus (representante SESC Rio)
- 6 - Abertura - Renata Fontanillas (representante Oi Futuro)
- 7 - Roberto Lent
- 8 - Márcia Frederico
- 9 - João Falcão



ESPAÇO SESC

12 e 14 - Silêncio Total sem Chagando um Palhaço (Palhaço Xuxu - Luz Carlos Vasconcelos/PB)
15 e 18 - Palhaço Xuxu (Leonardo Carneiro/RJ)

17 - Música e Liberdade (Tina Rebeca/RJ)
19 e 20 - O Canto (Círculo Teatro do Gráfico/DF)
21 - Ovo (Círculo Teatro do Gráfico/DF)



1 e 2 - Oficina "Som e Movimento" Bethi Albano
3 - Oficina "Talentos Múltiplos - Múltiplas Oportunidades de Expressão" Maria Clara Sodré Gama
4 e 5 - Fórum de Leitura Dramatizada

Texto Teatral

autor: Carlos Cardoso

A Viagem de Zenão

Três ambientes estarão representados na cena. Dois nichos definem, à esquerda, a cozinha-laboratório de Alquimíades, à direita, o quarto de Galileu. Ao fundo, entre essas duas áreas, uma representação do edifício do mosteiro, sobre um outeiro, com a torre da igreja em destaque. Na cozinha de Alquimíades, onde deve haver uma pequena escada de armar, fica, no alto, a janelinha por onde entrará a Luz das Estrelas. Figurinos e bonecos estarão pendurados em uma arara ou em outras partes do cenário, despojadamente. As sobras de material com que os malucos fazem e refazem as suas “coisas” estarão espalhadas por todo lado, em desordem.

Nem Todo Mundo é Maluco

(cena 1)

Enquanto o público entra, os atores se dedicam a organizar o espaço cênico. Confeccionam elementos e montam partes do cenário; preparam os bonecos, ordenam os figurinos na arara etc. Trabalham animadamente e conversam, sem se dar conta da presença da platéia.

Zenão (*Vê o público na sala e grita para os demais*) – Ô! Hei!!
(*Faz sinais para que os outros fiquem quietos*) Sh, sh, sh!!

O grupo vem ver o público.

Zenão (*À platéia*) – Ah! Ha! (*Desculpa-se*) Desculpa... A gente estava trabalhando, aqui... A gente ia contar uma história... É que eu viajei no tempo... Bom, eu vou explicar o começo de tudo, senão não dá pra contar o resto. Eu vivia aqui mesmo, só que não era assim. Era um mosteiro. Viviam uns monges aqui. Eu tinha chegado há muito pouco tempo, e como eu era o mais novo, tinha que ajudar na cozinha. E a cozinha era aqui mesmo, onde a gente

está agora! O cozinheiro do mosteiro se chamava Alquimíades, e ele era também o herbanário... o Médico dos monges. Esse cozinheiro, o Alquimíades, ele também mexia com outras coisas... magia... Mas isso já é a história. O que aconteceu foi que, por causa de uma dessas magias dele, eu vim parar aqui. *(Revive o que narra)* Eu entrei na Luz pra apanhar o livro do Galileu e de repente ficou tudo branco. Muito branco! E eu não via mais nada... e aí... eu acho que eu dormi... e parecia muito tempo... eu me sentia deitado, assim... *(Deita-se de papo para o ar)* Uma coisa fria nas costas... Então, eu comecei a ouvir umas vozes. *(Os malucos discutem em voz baixa)* Eu ouvia, longe... Mas cada vez mais perto... mais claro... Eles falavam de mim... Eles discutiam...

Pancada *(Para Zureta)* – Mas tem que acordar ele!

Zureta – Não.

Pancada – Mas ele está dormindo aí tem um tempão!...

Zureta – E daí? Se está dormindo é porque precisa.

Pancada – Mas ele apareceu do nada!

Zureta – Não sei. A gente estava dormindo. Não dá pra saber.

Lelé destaca-se do grupo para dar uma olhada em Zenão.

Zerê *(Usa um tosco par de grandes óculos*

“fundo-de-garrafa”) – O meu tio avô era assim... aparecia... desaparecia... aparecia... desaparecia... do nada.

Zenão *(Narra)* – Eu fui acordando, acordando... e ouvindo aquela conversa doida... E eu abri os olhos, mas eles nem viram... lá na discussão deles, que eles estavam...

Pancada – Mas você não acha que ele tem que explicar o que é que ele está fazendo aqui?!

Zureta – Não sei...

Pancada – Mas ele é um estranho!

Zureta – E você é o quê?!

Zerê – O meu tio não tinha explicação?!... Aparecia... desaparecia... aparecia... desaparecia... sem explicação.

Pancada – Do nada!

Zureta *(Rebate)* – Vai ver, a gente acha que ele veio do nada só porque a gente não via ele antes. Vai ver, ele sempre esteve aí, só que invisível. Pode até ser isso...

Zerê – Uh!! O meu tio!! O meu tio!! Não era ele, então!... Não era ele que aparecia, desaparecia... era eu que via... não via! Era eu...

Zenão desperta.

Lelé *(Se assusta e recua)* – Ui!

Zureta *(Baixinho)* – Shhh! Olha! Ele está acordando...

Zenão se levanta.

Os malucos o seguem com o olhar.

Zenão – Eles começaram a me fazer um monte de perguntas...

Pancada – Você é mágico?

Zerê – Anjo?

Pancada – Bruxo?!...

Lelé (*Interessada*) – Qual é o seu nome?

Zenão – Zenão...

Zureta – De onde você veio?

Zenão (*À platéia*) – Eu estava tão tonto, que eu disse a verdade. (*Para os malucos*) Eu viajei no tempo. (*À platéia*) Eles acharam perfeitamente normal.

Pancada – Tá vendo? Tá vendo? É só perguntar. Olha, aí. Ele viajou no tempo. (*Concludente, vitorioso*) Ou seja: ele não estava aqui.

Zureta – Não. Ele não disse que não estava aqui.

Zerê – É... Se ele veio do passado, talvez ele estivesse aqui... no passado, né?

Zureta – Mas, quem disse que ele veio do passado?!

Zenão – Foi aí que eu vi que estava na cozinha do mosteiro! *Era* a cozinha do mosteiro! Por causa daquele monte de coisas... da confusão... eu não tinha reconhecido logo. Mas era a cozinha. Eu tinha viajado no tempo, mas não tinha saído do lugar!

Lelé – Você veio do passado ou do futuro?

Zenão (*Perplexo*) – Eu não sei... Que ano é esse aqui?

Zerê – 1355.

Zureta – 1915...

Lelé – Ai! Começou!

Pancada – E por que é que vossas excelentíssimas senhorias é que vão dizer em que ano nós estamos, aqui?!

Lelé – Que vergonha! Na frente da visita...

Pancada – Vossas senhorias são os donos do tempo?... Por acaso?... Eu, por exemplo, estou, há anos!, em 2010 antes de Cristo!...

Zureta (*Impaciente*) – Mas como é que você pode dizer que está em 2010 antes de Cristo, se em 2010 antes de Cristo não tinha tido Cristo nenhum ainda pra você saber que vivia antes dele?!

Pancada (*Depois de refletir um pouco*) – Eu não entendi...

Zureta – Tá vendo? Não sabe o que diz!

Zenão – Tá bom, tá bom. Chega. (*Os malucos voltam ao trabalho*) Eu comecei a achar que talvez todos eles também tivessem viajado no tempo. Mas tinha alguma coisa esquisita... Aí eu perguntei: (*Para os malucos*) Irmãos?... Que tipo de monges vocês são?... De que ordem? (*Zerê, Pancada e Lelé, começam a rir. Zureta se indigna*) Esse aí respondeu.

Zureta (*Severo*) – Aqui não tem monge nenhum! Só maluco.

Aqui, é todo mundo maluco.

Zenão (*À platéia*) – Pois, é! E eu pensei: “Nossa! O mosteiro, agora, é um hospital de maluco! Por isso que eles fazem essa confusão toda...” Mas era por isso também que eles tinham achado normal a minha viagem no tempo! Por causa da maluquice deles!...

Zureta (*Paternal*) – Mas Zenão... Você também... Você também é maluco...

Zenão (*Cortante*) – Não. Eu não sou maluco.

Zureta – Ah, não? Então, o que é que você está fazendo aqui? Aqui só tem maluco...

Zenão – Eu sei. Mas *eu* não sou maluco. Eu já te expliquei... eu viajei no tempo, e vim dar aqui, e essa história que a gente está contando é a minha história... E eu já comecei a contar (*Mostra a platéia*), ó!...

Zureta – Aaaah, é! Lembrei. Desculpa, (*Para a Platéia*) desculpa...

Zenão (*À platéia*) – As janelas grandes, agora, tinham grades e estavam fechadas. Só a janelinha pequena, no alto da parede, ficava aberta. Eu subi na escadinha e vi (*Sobe na escada e olha pela janelinha*). Eram as mesmas montanhas, o mesmo vale, mas estava tudo mudado... Um monte de casas que não tinha antes, uma ponte... A estrada era diferente... Então era verdade! Eu tinha viajado pro futuro, junto com o Einstein!... Aí, eu perguntei se eles

conheciam (*Para os malucos*) um tal de Einstein, Albert Einstein?!

Zureta – Mas... é claro! Todo mundo conhece!

Zenão – Eu preciso falar com ele!

Zureta – E o que é que você quer falar com ele?

Zenão (*Dirige-se, alternadamente, aos malucos e à platéia*) – Eu disse que nós tínhamos viajado juntos no tempo, do meu tempo pra esse tempo aqui, e que ele sabia de onde eu era, quem eu era... e podia dizer. Que era pra avisar a ele que eu estava aqui!

Zureta – Ah! A gente escreve pra ele e diz:

“Caro Albert Einstein, aqui tem um fradinho dizendo que o senhor viajou com ele no tempo.” Está bom assim?!

Zenão (*Para Zureta*) – É!! Isso! Está ótimo! É isso mesmo! Escreve! Escreve pra ele!

Zureta – Chega disso! (*A todos*) Muito o que fazer... Já pra dentro!

Os malucos voltam ao trabalho.

Zenão – Aí, eu perguntei pra eles o que é que eles faziam ali.

Lelé – Ué?! Coisas!

Zenão – Coisas?

Zerê – Coisas!

Zenão – Mas que tipo de coisas?

Zureta (*Sério*) – Coisas do tipo coisas, ora!

Pancada – A gente pega as coisas e transforma em outras coisas.

Zerê – Isso tudo aí, foi a gente que fez.

(Indica os objetos espalhados pela cena)

Viu? A gente faz coisas...

Lelé *(Rodeada de esferas de diversos tamanhos)* – É. Eu, por exemplo, faço mundinhos. Quer um?

Zenão aceita um mundinho e vaga pela cena.

Os malucos vão fazer suas “coisas”.

Zenão *(À platéia)* – Aí eu fiquei aqui... Eles sempre fazendo coisas... E eu sem fazer nada... Aí, um dia, assim do nada mesmo, eu comecei a fazer coisas também. Mas saíram umas coisas da *minha* história. Primeiro eu fiz o Galileu *(Pega o boneco de Galileu)*. Eles começaram a se interessar... vieram ver como é que eu fazia... *(Os doidos se aproximam)* Depois do Galileu, veio o Abade Aspampas, que era o chefe dos monges. *(Pega o boneco do Abade)* Aí, eles começaram a fazer também. *(Os malucos vão pegando os bonecos)* Eu dizia como era, quem era, o que tinha acontecido com eles na história, e eles iam fazendo, com as coisas daqui. Os monges... *(Os malucos apresentam os bonecos)* Alquimíades... O Cardeal... Eu mesmo... *(Zenão apresenta o seu boneco)* E Matilda. Agora, eu tenho a história toda aqui... Bom, eu vou contar pra vocês.

Os Monges

(cena 2)

Os malucos, vestidos de monges e trazendo bonecos monges, entram, cantando.

Monges – Eeeeeeeu fui às touradas em Madri

Pararatim bum, bum, bum. Pararatim bum, bum

Eeeeeeee...

Zenão – Ô?! Ô?!, Ô, Ô!? Vai começar assim, é? Já vai começar assim, isso?! Isso daí é na Espanha. Madri é na Espanha. A gente está na Itália! Itália! Não tem tourada na Itália! Tem “macherroni”, “farfale”, “tarantela”... *(Trauteia em ritmo de tarantela)* Lá, lá, lá - lá, lá, lá, lá...

Monges – Ah!, Tarantela! *(Cantam, em algazarra)* Folicoli, folicolà, folicoli, folicolàaaaaa!

Zenão faz que participa e, regendo, conduz o grupo para fora.

Zenão – Bom, esses eram os monges do mosteiro... Numa casa, na vila que ficava perto do mosteiro, vivia um sábio: Galileu Galilei. *(Luz no quarto de Galileu. Galileu – um boneco, caracterizado como o ator que o manipula – escreve, com o auxílio de um par de óculos. Zenão repara que falta alguma coisa na caracterização do ator que faz Galileu)* Espera aí... *(Tira os óculos de Zerê)* empresta isso aqui pra ele...

Zerê – Mas aí eu não vejo mais nada direito. Fica tudo uma fumaça...

Zenão – Não tem problema, o Alquimíades também não enxergava direito, mesmo.

Zerê (*Baixinho, lamenta-se com Lelé*) – Puxa... injusto, isso... Eu...

Prisão de Galileu

(cena 3)

Zenão (*Cobrando a fala de Zerê*) – Então? O Galileu vivia ali, preso, porque disse que a terra girava em torno do sol.

Galileu (*Dirige-se ao público. Com o boneco na mão*) – Foi, eu disse mesmo! E eu disse, porque é! Porque eu vi! Só que isso... Hum!... (*Irônico*) Não pode, né? Não pode...

Zenão – Quem mandou prender ele foi o papa.

Zureta (*Para a Platéia. Professoral*) – O papa é o chefe da Igreja Católica.

Pancada – Mas... Todo mundo sabe disso!

Zureta – Ele vive em 2010, antes de Cristo, mas sabe que o papa é o chefe da Igreja Católica!

Lelé – Ai, ai, ai, ai, ai!

Zenão (*Corta*) – Então?... Naquela época, todo mundo achava que o sol é que girava em torno da terra. Ninguém sabia que era ao contrário. Ninguém podia nem imaginar...

Zerê – Mas... não parece, mesmo... Vai

qualquer dia pra rua e dá uma olhada pro sol. (*Comanda a platéia*) Aliás, fecha o olho aí e tenta sentir que a terra gira. Fecha. Fecha, mesmo. Fechou? (*Tempo*) E aí? Dá pra sentir? Não dá, né? De jeito nenhum. Não dá! Quem disser que sentiu, está mentindo...

Zenão – Pois, é, ninguém sabia.

Galileu (*Para a platéia*) – Mas aí eu inventei esse negócio aqui, ó. (*Com um tubo*) É assim: você bota o olho aqui, no lado estreito, fininho, e vê tudo enorme, assim... (*Mira na platéia o tubo oco*) Esse aqui é de mentirinha... pra contar a história, só... Não tem nada dentro... lente... nada.

Zenão – Bom, e ele estudou e estudou o céu com o telescópio e viu, e entendeu, que a terra é que girava em volta do sol. E, aí, nada mais natural, ele foi dar a boa notícia.

Galileu (*Apregoa, como um ambulante*) – Gente! Não é o sol que gira em volta da terra! É o contrário! Eu vi! Ó... eu explico. Leva aí o tubo com o livrinho que explica. O tubo é dez, mas o livrinho que explica tudo, como é que usa o tubo, e tal, é de graça. (*Para Zenão*) Vendia!... Todo mundo adorou!

Zenão – Menos a Igreja. A Igreja não gostou nada. Ela dizia que o sol girava em volta da terra... e que isso estava escrito na Bíblia... e que todo mundo sempre tinha achado que era assim e que não tinha porque mudar...

Galileu (*Ladeado por dois monges encapuzados*) – Mas se eu vi! Se eu vi! E eu estou dizendo que, se vocês olharem, vocês vão ver também!

Zenão – Mas não adiantava. Era pregar no deserto. Parecia que não tinha ninguém ali. (*Galileu olha dentro de um dos capuzes*)

Galileu chamou os padres de...

Galileu – Gente burra!

Zenão – ...e foi preso. (*Os monges levam Galileu*) Levaram ele pra sala de interrogatório. (*Atam Galileu a uma cadeira*) Mostraram pra ele as máquinas de tortura.

Abjuro

(cena 4)

O Carrasco traz as máquinas de tortura. Há 3 bonecos réus. O 1º, está preso a uma roda.

Inquisidor (*Para a platéia*) – Santíssimos doutores juízes. Temos hoje três casos da pior espécie. Gente muito teimosa mesmo, que insiste em pensar do jeito que quer e bem entende. Bem... O primeiro caso é o deste rapaz, aqui, na roda. (*Para o Carrasco*) Roda, roda, roda. (*O Carrasco faz girar a roda*) Isso... Ótimo... Vamos lá. (*Para o Carrasco*) Um pouquinho menos. Assim... (*Para a vítima*) Então?

Réu 1 – O quê?!

Inquisidor – Confesse!

Réu 1 (*Sempre girando*) – Confessar o quê?!

Inquisidor (*Banaliza*) – Qualquer coisa... É só pr'eu anotar aqui... Nada de mais... Formalidade. Pra constar na papelada...

Réu 1 – Hum... Eu confesso, então...

Inquisidor – Ótimo! (*Para o Carrasco*) Pra fogueira.

Réu 1 – Não! Quê isso?! Pra fogueira, não!! Você disse...

Inquisidor – Nega, então?

Réu 1 – O quê?!

Inquisidor – O que confessou!

Réu 1 – Nego! Nego!

Inquisidor – Então confesse!

Réu 1 – O quê?!

Inquisidor – Que negou, ora!

Réu 1 – Eu confesso! Eu confesso!

Inquisidor (*Anota*) – Nega, então...

Réu 1 – Nego, o quê?! Eu acabei de confessar!

Inquisidor – Você confessou que negou! (*Para o carrasco*) Roda!

Réu 1 (*Girando*) – Olha, eu não sei... Eu estou meio tonto, hoje... E se a gente se falasse mais tarde?... Eu ia dar uma voltinha... pensava nisso...

Inquisidor – Você quer dar uma voltinha? (*Para o Carrasco*) Deixa ele dar uma voltinha.

Vai ver que linda a fogueira, lá fora.

O Carrasco rola a vítima, presa à roda, para fora de cena.

Inquisidor (*Para a platéia*) – Quería me dar a volta, esse...

O Carrasco puxa pelos pés o Réu 2, que tem as mãos atadas, por tiras elásticas, a uma forquilha.

Réu 2 – Ai! Ai!

Inquisidor – Dói, né? Não vamos espichar esse assunto, então. Confessa!

Réu 2 (*Valente, heróico*) – Não! Nunca! Jamais!

A um comando do Inquisidor o Carrasco solta os pés da vítima, que é arremessada para fora de cena.

Inquisidor – Sujeito inflexível, seu!

Inquisidor (*Ao Réu 3, solícito como um maître*) – O senhor já conhece o nosso sistema?

Réu 3 (*Preso a uma tábua inclinada*) – Bom, eu estava vendo daqui, mas...

Inquisidor – Eu explico. É muito simples, mesmo. O senhor confessa o que fez de errado e pronto.

Réu 3 – Ah... Mas eu não fiz nada de errado...

Inquisidor – Não tem jeito! Ninguém colabora!

O Carrasco começa a fazer cócegas no boneco.

Réu 3 (*Às gargalhadas*) – Não! Pára, pára! Pelo amor de Deus! Pára, pára! Eu não agüento! Eu vou explodir! Pára, pára! Eu vou fazer... Eu vou fazer xi... (*Grita*) Eu vou fazer

xixi!!

Um jorro molha o chão.

Carrasco (*Interrompendo a sessão*) – Ô!! Que nojo! Olha aí! Tudo molhado!

Inquisidor (*Ralhando feio*) – Que coisa, hein?! Que coisa!! E quem vai limpar?! É o senhor? É o senhor quem vai limpar? (*Ironiza*) Nãããão... Tem quem limpe, né? É ele quem vai limpar. (*O Carrasco, que se surpreende*) É ele! Ele, ali, ó: O pobre infeliz,

ali, é que vai ter que limpar. Que o senhor está muito bem aí, deitadinho... enquanto a gente trabalha. Que isso aqui é trabalho. Não é porque a gente faz com gosto, com prazer, que não é trabalho, não. É trabalho! Trabalho!

Carrasco – Eu posso botar ele pra secar na fogueira? Na tábua, mesmo... tudo junto? Penduro lá no alto, que seca em dois tempos. Eu defumo pernil assim. Fica ótimo!

Inquisidor – Muito bom! Faz isso. E volta logo, que ainda tem mais um.

O Carrasco sai, levando a vítima. O Inquisidor estuda o próximo caso.

Zenão – E o Galileu pensou:

Galileu (*Considera*) – Eu vou insistir com esse negócio da terra girar em volta do sol... Eles vão me torturar... Eu, não! Vou morrer? Pra quê? Vou não. Fico vivo... continuo estudando, observando e escrevendo. Um dia alguém lê...

Zenão – Ele levantou o dedo e disse que

estava errado.

Galileu (O manipulador, levando o boneco consigo, fala para o Inquisidor e para a platéia) – Santíssimos doutores!... Eu acabei de perceber que tudo isso que eu disse estava errado. Completamente errado. Imagina, a terra girando?! Todo mundo ficava tonto e caía... O mar!... ia transbordar, o mar!... Então, eu abjuro. Pronto. Abjurei. Estou abjurado.. muito aliviado... Ó... desculpa, hein?... Linda aquela roda, aliás... Muito interessante. Engenharia de primeira! Bom, vou indo...

Galileu é detido pelos monges encapuzados.

Monge (Lê um rolo) – Doutor Galileu Galilei, de agora em diante, por ordem do Santo Ofício, o senhor ficará preso em casa, sob a guarda e vigilância dos monges do mosteiro de Abessa. Não poderá falar com ninguém, receber visita, sair, ir à missa...

Carrasco – Fazer xixi...

Monge (Surpreso) – Não!... Fazer xixi, ele pode!...

Carrasco (Faz pouco) – Hum! Então não adianta nada!

Monge – Enfim, não pode fazer nada do que eu disse, sem autorização da autoridade!

Zureta – E todos sabem, perfeitamente bem, que só a autoridade está autorizada a autorizar!

Zenão – Entregaram ele para esta autoridade. (*Apresenta o Abade*) O Abade Aspampas. Chefe do mosteiro de Abessa. Era ele quem ia tomar conta do Galileu.

Abade (Para Galileu) – Olá... Eu sou o Abade Aspampas. A sua casa é a nossa casa... E nós queremos que o senhor se sinta perfeitamente à vontade.

Sai.

A Receita

(cena 5)

Zenão – Guardaram as coisas do Galileu – telescópio... tudo – na biblioteca do mosteiro. Mas ele continuava escrevendo. (*Galileu escreve. Um monge recolhe as folhas e as entrega a outro, que as leva embora*) E tudo o que ele escrevia, os monges também levavam pra biblioteca e escondiam lá. E ele andava bem desanimado.

Galileu (Largando a pena) – Escrever pra quê?! Sobre o quê?!

Abade – Mas o senhor também... idéia fixa! Por que não escrever sobre outra coisa?... Por exemplo: o Cardeal de Tal está hospedado no mosteiro, chegou esta manhã, a caminho da Suíça, e disse que gostaria muito de levar um artigo seu sobre a viabilidade física da Santíssima Trindade. Que tal?... Hein?! Um desafio! (*Espera uma resposta*) Então?...

Galileu (Encontra um papelucho) – Ah!

(Estende-o para Aspampas) Aqui.

Abade – Sim?...

Galileu – Uma receita. Eu vou almoçar no mosteiro. E nós vamos comer isso. Peça ao seu cozinheiro para fazer.

Abade *(Lê a receita e fica pasmo)* – Mas... “Formigas carameladas, com molho de urtigas”?! Isso.... Eu não posso obrigar os irmãos!...

Galileu *(Recolhe o papel)* – O artigo do Cardeal, então...

Abade – Mas ele já está no mosteiro! E eu... Eu prometi!...

Galileu – Se eu posso escrever sobre a viabilidade física da Trindade, vocês podem provar a minha receita!

Cardeal – Muito bem, muito bem...

O Abade pega a receita e sai. Galileu trabalha. Enquanto Zenão narra, o foco da cena migra, lentamente, do quarto, que se apaga, para a cozinha, onde Alquimíades prepara a receita de Galileu.

Zenão – Era assim. Naquela vida besta de quem só podia fazer o que os outros deixavam, Galileu tinha começado a se interessar por comida... Inventava essas coisas horríveis! Do outro mundo! Podia até parecer vingança, mas não era, não; ele achava que estava inventando a “Comida do Futuro”.

Alquimíades

(cena 6)

Alquimíades *(Badalando, com espalhafato, o sino, berra)* – Almoço!!

Monge 3 corre para a mesa, mas Monge 1 se adianta e senta num dos bancos.

Monge 3 – Ô! Esse lugar aí é meu!

Monge 1 *(Insolente)* – Por quê? É seu, por quê?!

Monge 2 – Pois é! Por quê que é seu?

Monge 3 – Porque eu sou mais antigo. Porque sempre foi. Porque é... e pronto! Alquimíades, de quem é esse lugar?

Alquimíades *(Meio a contragosto, indica o Monge 1)* – É dele... O lugar é dele.

Monge 1 – Viu?

Monge 2 – Viu?

Monge 3 – Bom, vou contar pro Abade...

Monge 2 – “Vou contar pro Abade, vou contar pro Abade...”

O Monge 3 sai.

Monge 1 *(Para Alquimíades)* – Então?

Alquimíades *(Com uma garrafinha)* – Aqui. A Poção do Entendimento.

Monge 1 – Poção do Entendimento...

Alquimíades – Isso! Você toma todo dia, antes do almoço, que você começa a entender tudinho, tudinho. Vai! Toma, aí! *(Os monges tomam a poção)* Então?

Monges – O quê?...

Alquimíades – Ó, quer ver?: “Os fluidos

organogômicos das crascúrias escato-combicas dimensificam as crústicas cracacatúrias tingóticas...” Entendeu?

Monges – Nada...

Alquimíades – Olha aí! Tá vendo?! É perfeito! Se fizesse sentido, vocês tinham entendido! Mas “Os fluidos organogômicos...” não quer dizer nada! Aí, vocês não entenderam!

Monge 1 – Ah!... se a gente não entendeu nada é porque a gente entendeu tudo!...

Alquimíades – Isso!! Tá vendo?! Já está funcionando! E pra mim? Conseguiu alguma coisa, na biblioteca, pra mim?

Monge 1 – Tinha uns troços do sábio, do Galileu... Esse círculo, aqui, com uns desenhos...

Entrega um planisfério a Alquimíades.

Alquimíades – Um planisfério... Dos astros!... O Sol no meio... a Terra...

Monge 1 (*Mostra uma luneta das de Galileu*) – E isso, aqui...

Monge 2 – Isso! O... (*Com esforço*) Pleples... pleples... pleplescló...

Monge 1 (*Ensina*) – Nananão... assim... Teles... (*O outro não consegue acertar*) Telescópio! Te-les-cópio!!

Alquimíades (*Só agora vê o telescópio. Avança para pegá-lo*) – O Telescópio?! Dá aqui, deixa ver!

Monge 1 – Tinha um outro lá... maior. Mas

não deu pra pegar. Muito grande, todo mundo ia ver...

Alquimíades – Mas é esse que eu preciso!! O grande!! Isso aqui é uma daquelas lunetinhas que ele vendia por aí! Não aumenta nada! Olha, se vocês me trouxerem o ple...ples... Ô, droga! O pleples... ple...

Monge 1 (*Ensina*) – Nananão... Assim, vamos lá... Ple-ples-cló... lllih!!

Monge 2 – Telescópio!

Alquimíades – Isso! Se vocês trouxerem o telescópio, eu preparo uma coisa muito especial pra vocês!

Abade (*Entrando, com Monge 3*) – Que coisa especial? Aqui ninguém ganha nada de especial da cozinha! (*Silêncio geral*) Então, será que a gente não consegue fazer uma refeiçãozinha em paz? Sempre briga? Sempre discussão? (*Para Monge 1*) Sai daí! O lugar é dele!

Monge 1 (*Rebelde*) – Não!

Abade – Bom, você não come, então! Vai pro quarto rezar setecentos e setenta e sete pais-nossos.

Monge 1 (*Súplice*) – Não!

Abade – Vai! A-go-ra!!!! Só o que faltava! Setecentos e setenta e sete pais-nossos! Direitinho. Quero ouvir daqui. (*Monge 1 sai rezando*) Bem, meus queridos, o Senhor nos concedeu a graça de acolher o Cardeal de Tal. E, Alquimíades, ele ouviu tantas

maravilhas sobre as suas tortas, meu filho, que decidiu levar três ou quatro delas para participar do concurso anual de bolos e confeitos na Suíça! Alquimíades, as nossas tortas vão representar a fé católica! E a Itália!
Monges – Avanti!!

Abade – Vamos derrotar as invencionices heréticas do mau gosto germânico!! (*Muda de tom*) O Cardeal está repousando da longa viagem e pediu para ser despertado apenas para a ceia, quando ficaria muito feliz se pudesse experimentar uma das suas criações...

Alquimíades (*Difícil*) – Pouco tempo, hein?...

Abade – Pouco tempo, uma ova! Quê isso?!

Alquimíades – Assim, do nada?...

Abade – Bom, eu posso explicar pro Cardeal que você teve que fazer uma das suas bruxarias e por isso não teve tempo de assar uma torta para ele... Que tal? Talvez ele mande assar você! (*Muda de tom*) Pras do concurso, tem mais tempo. O Cardeal só sai depois de amanhã. Então, você tem quase dois dias. (*Muda de tom*) Mas tem que ser coisa do outro mundo, hein?!

De uma panela grande, Alquimíades despeja, sobre uma travessa, no centro da mesa, uma pasta cor-de-burro-quando-foge, com umas bolotas em cima.

Monge 3 – O que é isso?!... (*Vai tocar a*

comida. Alquimíades dá-lhe um tapa na mão) Ai!

Galileu entra, mas ninguém percebe.

Alquimíades – Uma receita do sábio...

“Olhos de cabra recheados com formigas carameladas, ao molho de urtigas, com purê de...” Sei lá! Esqueci o nome. Também, que diferença, né? É o que tem: é o que se come. Como sempre.

Monge 3 (*Para o Abade, súplice*) – Eu tenho a opção de rezar os setecentos pais-nossos?!... De joelhos!...

Abade (*Vê Galileu. Rápido, forte*) – Oremos! Senhor, agradecemos o pão...

Zenão – Antes fosse pão!...

Abade (*Mais forte*) – Agradecemos o pão!...

Monge 3 (*Empurra o prato*) – Eu quero a comida do Alquimíades!

Zenão o imita. Fazem uma torcidinha ritmada, com a frase.

A Discussão

(cena 7)

Galileu (*Só agora Alquimíades e os monges o vêem*) – É claro que querem! (*Examina a comida. Para Alquimíades*) O que foi que você fez, aqui?!

Alquimíades – O que eu fiz?! Mas o que é que eu fiz? Eu fiz a sua receita biruta. Tintim por tintim. Não mudei uma vírgula. “Olhos de cabra recheados com formigas

carameladas, ao molho de urtigas...”!

Galileu – E por que é que você diz o nome desse jeito, aí?!

Alquimíades – E o *Doutor* quer que eu diga como?!

Galileu – Direito!

Alquimíades (*Insiste*) – E vai mudar o quê?!
(*Veemente, mostra a papa repugnante na travessa*) Olha só, isso!

Galileu (*Para o Abade*) – O Cardeal vai ter que explicar a Santíssima Trindade sozinho. Retira-se.

Abade (*Indo atrás de Galileu*) – Senhor Galileu?... Doutor?...

Sai. Alquimíades devolve a papa para dentro da panela. Monge 3 fica um tempo em silêncio, meio sem jeito.

Monge 3 – Ah, olha... eu acho que, no fundo... foi bom, sabe?!

Alquimíades – Pelo menos ninguém é obrigado a comer isso!

Prepara-se para jogar na platéia o conteúdo da panela. O Abade o interrompe.

Abade – Alquimíades?! Um prato gordo pra cada um! (*Muda de tom*) Era só o que faltava! Eles vão comer, de joelhos!, a gororoba do sábio! Agradecendo a Deus pai! Pra fora! Vambóra! Anda! (*Os Monges saem. A Alquimíades*) O senhor se livra porque tem que fazer as tortas. Mas muita atenção, hein? Muita atenção! Zenão, vai dizer ao sábio que

vocês já estão comendo essa... coisa!

Sai. Alquimíades o segue. Zenão vem para o proscênio. Entra Matilda, com sua boneca. Varre.

Mateus

(cena 8)

Zenão – Essa aí era a Matilda, a sobrinha do Alquimíades. Os monges achavam que ela era um menino, por que um dia, quando ainda era bem pequenininha, ela tinha aparecido na porta do mosteiro, com uma carta pendurada no pescoço, que dizia que ela era um sobrinho do Alquimíades, que era mudo e que se chamava Mateus. O Abade deixou ele ficar. Ele ajudava o tio colhendo ervas na floresta e nos campos. Quando eu cheguei no mosteiro, só quem sabia que ele era mulher e se chamava Matilda era o tio dela... e o Galileu. Eu também ainda não sabia... mas... tinha alguma coisa naquele garoto, que eu não entendia. (*Mateus e seu boneco executam as ações descritas*) Se a gente se encontrava, ele ficava me olhando... Quando eu olhava de volta, ele virava rápido a cabeça e abaixava os olhos. Naquele dia, ele saiu pra colher ervas e eu resolvi ir atrás... de longe, pra ele não me ver. Ele foi até os fundos da casa do Galileu e empurrou uma pedra do muro. O muro se abriu. Ele entrou, e a abertura se fechou de volta. Eu esperei

um pouco, fui até lá, empurrei a pedra e entrei também. Tinha uma escadinha de pedra, que acabava atrás dum monte de roupas, penduradas numa espécie de vara... Fiquei escondido ali. Eu queria ouvir.

Matilda

(cena 9)

Quarto de Galileu. Galileu segura uma maçã. No meio da cena, um aro de bicicleta, fixo em um eixo, paralelamente ao chão. Matilda entra.

Galileu – Ah, Matilda?, eu fiz uma coisa pra te mostrar o que eu dizia. Essa aqui é a terra. E esse aqui o sol. (*Fixa a esfera maior em uma haste, na borda do aro. No eixo, espeta a maçã. Faz girar a roda*) É assim que se pensava que era. Desde Aristóteles. O sol girando em volta da terra. Mas olha só. Faz sentido, isso? O sol, enorme, girando, feito um gigante idiota, em volta da terrinhazinha, pequetinhazinha? E vai cair, olha aí... Vai cair. Ó! Caiu! Caiu, o sol! Agora... (*Inverte as posições das peças e faz girar a roda*) Viu? Olha, aí! A terra em volta do sol! Não é muito mais equilibrado e tudo? Assim, não cai nem nada!

Matilda (Brinca) – Então, a terra gira em volta do sol, porque se fosse ao contrário o sol caía?

Galileu – Menina!...

Matilda – O que eu não entendo é como é que tem dia e noite, então. Se o sol fica parado, como é que a gente vê ele mudar de posição no céu – nascer aqui e morrer ali, todo dia?

Galileu – Isso, Matilda, é porque a terra também gira em volta *dela* mesma! Ela gira! Assim, ó. Vem cá. (*Aproxima uma lamparina do rosto de Matilda*) Você é a terra, essa luz é o sol. Roda... roda, roda. Aí mesmo, no lugar. (*Matilda começa a girar*) Devagar... Ó... Está vendo? Dia... É dia no seu rosto. Agora está escurecendo, escurecendo... É noite no seu rosto, nos seus olhos... Agora, dia de novo... e vai escurecer... escureceu... e vai amanhecendo do outro lado. É assim. O sol nasce do lado esquerdo, e morre do lado direito. Todo dia. Um dia atrás do outro. Entendeu? Viu? Se uma formiguinha morasse na ponta do seu nariz, ela também ia ver o sol nascer de um lado e morrer do outro. Todo dia. E ela também ia achar que o sol é que está se movendo! Só que uma formiguinha não pensa!

Matilda – Mas, se é assim, por quê que eles...

Galileu – Porque eles querem, Matilda! Porque eles querem! Tá tudo errado, mas é isso mesmo que eles vão ensinar! Essa...

Matilda (Adverte) – Seu Galileu!

Galileu – Porcaria!

Dá um tapa numa das esferas, que atinge a arara. Zenão solta um grito. Matilda desloca as roupas e o encontra.

Matilda – O que é que você está fazendo aqui?!

Se dá conta de que acabou de falar e tapa a boca com as mãos.

Zenão – Você fala...

Galileu – Pronto!

Matilda – Você me seguiu!... *(Para Galileu)*

Ele me seguiu... Eu não vi... *(Para Zenão, zangadíssima)* O quê que você está fazendo aqui?! Por quê que você me seguiu?!

Zenão – Eu só... eu não sei... Você ficava me olhando... na estufa... Você... Você é uma menina!...

Matilda – Meu Deus! Ele ouviu tudo!

Zenão *(Se desculpa)* – Mas eu já sabia... Eu achava... Acho que foi por isso que eu te segui... Eu queria...

Matilda – Droga, droga! Viu?! Ele sabe! Agora ele vai sair e vai dizer pra todo mundo, e eu vou ter que ir pro convento!...

Zenão – Mas eu não vou dizer nada!

Matilda – Mentira! Mentira! *(Para Galileu)*

Ele vai ter que contar! *(Para Zenão)* Você já jurou, não jurou? Não jurou dizer tudo pros monges, sempre?!

Zenão – Não. Eu não jurei nada pra ninguém...

Matilda – Eu não acredito... E ele conhece

a Porta. A Porta Secreta! E ele também viu a terra e o sol, nas rodas, e o que o Senhor disse!

Galileu *(Para Zenão)* – Como é o seu nome?

Zenão – Zenão...

Galileu – Zenão?! Você vai ter que se tornar um Irmão da Porta Secreta!

Zenão – Um o quê?!...

Galileu – Um Irmão da Porta Secreta! Senta aí! *(Oferece-lhe um biscoito)* Prova.

Zenão – Quê isso?

Galileu – Biscoito.

Zenão – Biscoito?...

Galileu – Hum... tem medo de comida... Biscoito. Biscoito! Anda, sem isso não tem juramento!

Matilda – Tá vendo? Ele tá enrolando! Não pode comer porque não pode jurar!

Zenão põe o biscoito inteiro na boca. Mastiga.

Galileu – Ah! Muito bem! Que tal?

Zenão *(Boca cheia)* – Hum... tem um creminho... é o que, o creminho?

Galileu – O creminho? Larva de mosca mexicana...

Zenão – Argh!! *(Leva um susto. Tem ânsias. Cospe os pedaços de biscoito, morto de nojo)*
Uh!

Matilda – Mosca o quê?!

Galileu – Mexicana. Do México. Nas Américas! No Novo Mundo! Vêm secas, olha. *(Sacode um vidro cheio de larvas secas)* A

gente molha... elas incham...

Zenão (*Com horror, quase vomitando*) – Tem água, aí?!... Pelo amor de Deus!

Galileu (*Indica uma bilha d'água*) – Ali. (*Zenão corre até a bilha e bebe do gargalo*)

Hum, tem isso aqui também! (*Pega uma barra escura e a entrega a Matilda*)

Tzocolatl!

Matilda – Zoco, o quê?...

Galileu – “Zoco”, não. Tzoco. Tzocolatl...

Assim, com esse “l” no final... (*Matilda tenta pronunciar o “l”*) Os índios dissolvem em

água quente. Dizem que dá energia... Eu não vi a menor graça. Pode levar pro seu tio. Vai ver o *grande cozinheiro* inventa alguma coisa *genial* pra fazer com esse troço!

Zenão (*Quase recuperado*) – Cruzes!...

Galileu – Menino, até saber do que era, você estava gostando! Bom, pelo menos, agora você é um Irmão da Porta Secreta.

Matilda – É. E se você contar alguma coisa pra alguém, os seus dentes vão cair, e você vai ficar idiota pra sempre e...

Zenão (*Corta*) – Mas eu não vou contar nada! Eu já disse! (*Chateado*) Eu não vou con-tar na-da!

Galileu (*Acalmando o menino*) – Zenão? Tá bom. Calma! A gente acredita...

Matilda – Eu, não!

Galileu – *Eu acredito!* (*Para Zenão*) Pode ir. Zenão sai.

Galileu – Matilda, eu só fiz ele jurar porque você estava muito nervosa. Mas tá na cara que ele não vai contar nada.

Matilda – Como é que o senhor sabe? Como é que o senhor pode saber?!

Galileu – Menina? A última coisa que esse garoto quer, na vida, é que você vá prum convento. (*Matilda fica sem jeito*) Vai, anda, eu tenho que trabalhar.... (*Saem*).

Mudos Não Falam

(cena 10)

Na cozinha, Alquimíades examina o planisfério. Entra Zenão.

Zenão (*Grave*) – Alquimíades? Eu preciso falar com você.

Alquimíades – Ah, Zenão? Olha isso, olha isso! (*Lê*) “Sobe da terra para o céu e volta a descer sobre a terra e recolhe a força das forças superiores e inferiores”!...

Zenão – Alquimíades?...

Alquimíades – Isso... Espera aí... (*Folheia, ansioso, um outro livro. Entra Matilda. Vê Zenão e vai para um canto. Alquimíades lê*)

Ah! “O que está em cima é como o que está embaixo...” “... e o que está embaixo é como o que está em cima...” (*Entende*) Ai!...

Zenão – Alqui...

Alquimíades (*Repetindo, rápido, muito agitado*) – “Sobe da terra para o céu e volta a descer sobre a terra...” É o orvalho! O

orvalho! O orvalho se evapora... e sobe... e sobe, e sobe... E depois, desce. O orvalho desce... *(Pensa)* Ele desce, ele desce!... *(Nota a presença de Matilda)* Ah, Mateus! *(De novo consigo, sempre agitado)* Eu preciso do primeiro orvalho. *(Pega um pano e sobe na escada para alcançar a janelinha, onde vai colocá-lo)* O orvalho da manhãzinha! O mais puro! *(Termina. Enquanto desce, ensina, entusiasmado)* É o orvalho que “recolhe a força das forças superiores e inferiores...”

Matilda *(De supetão)* – Tio, escuta.

Alquimíades *(Distraído)* – Escuta o quê, menino?... *(Diverte-se, ri)* Você não fala, meu filho... É mudo.

Matilda – Tio!...

Alquimíades *(Explica, sério)* – Mateus, você é mudo. Mudo não fala... *(Estaca, pasmo. Súbito, simula grande espanto)* Milagre! Milagre! Mateus está falando! Mateus, meu filho...

Matilda – Ti-o!!... Ele sabe!!

Alquimíades – “Ele sabe”... Mas... *(Sem graça)* Ha, ha... “ele sabe”. Mal começou a falar e já diz coisas sem sentido... Sabe o quê?...

Matilda – E o que é que tem pra saber, tio?! Pára com essa coisa toda aí, que isso é ridículo. “Milagre!”... Ele sabe que eu falo... E sabe que eu sou mulher, também. Pronto.
Zenão – Eu fui atrás dela... hoje... e vi. Na

casa do sábio... do Galileu...

Alquimíades *(Corta)* – Ha!! Eu disse!... Eu disse!... Eu disse!... “Não vai lá! Não se mete com o velho maluco!” Olha aí! Olha aí!! Tá vendo? E agora?! Você...

Zenão – Mas, Alquimíades, era isso que eu ia te dizer; que eu sabia, mas que eu não vou dizer nada pra ninguém! Eu fiz até um juramento. Comi um troço horrível! *(Para Matilda)* E, Matilda... eu não entendo... Eu sou um Irmão da Porta Secreta!

Alquimíades – Um o quê?!

Matilda *(Impaciente)* – Ai! Nada... nada, tio!

Zenão – Eu não entendo...

Matilda – Vai ver, você não entende porque não foi você que teve que atravessar a Itália fingindo que era um menino! Vai ver, você não entende porque não é você que eles vão mandar pro convento!

Alquimíades – Mateus...

Matilda – MATILDA!

Sai.

Alquimíades *(Corrige-se, melancólico)* – Matilda...

Zenão – Eu não sabia... Mas... eu não vou contar... Eu juro. Eu jurei pra ela...

Matilda volta.

Matilda – Tio?... Eu sou mulher, tio!... Antes, mesmo, ele já sabia... Ele viu. E se ele viu, tio, os monges... O Abade!... Eu sou mulher, tio. Cada vez mais...

Alquimíades (*Desolado*) – Matilda...

Matilda (*Lembra do tzocolatl. Melancólica*)

– Olha, o seu Galileu mandou isso pra você.

Tem um nome esquisito. Zoco-não-sei-quê...

Zenão – Tzocolatl...

Matilda (*Triste*) – É.

Ficam um tempo em silêncio. Matilda sai.

Zenão (*Saindo*) – Bom... eu acho que vou

trabalhar um pouco na estufa...

Alquimíades (*Apanha o cadinho*) – Zenão,
joga isso fora pra mim!

Zenão (*Olhando dentro*) – É o quê?

Alquimíades (*Firme*) – Nada! Joga fora e
pronto. Entendeu?!

Zenão – Nada?... Cheira bem...

Alquimíades (*Grita*) – Joga fora! Entendeu?!

Zenão – Entendi, entendi...

Ver o Mundo

(cena 11)

Alquimíades pega o tzocolatl. Zenão sai para o átrio. Lentamente, cai a noite. Os monges cantam. Zenão cruza a cena, para o fundo da igreja. Narra. Ele e Matilda manipularão seus bonecos.

Zenão – Aquilo tinha um cheiro tão bom. Eu não tive coragem de jogar fora e acabei dando pros porcos. (*Atira o conteúdo do cadinho aos porcos*) Pelo menos alguém comia. Eu fui até a estufa. Tentei pensar em outra coisa, trabalhar, mas eu estava tão cansado!... (*Põe o seu boneco para dormir*)

Era o finzinho da tarde... Eu me estiquei pra descansar um pouco, mas apaguei. (*O boneco adormece*) E sonhei. Sonhei que a Matilda ia virar freira porque eu tinha dito pros monges que ela fingia que era um garoto.

Matilda entra na estufa. Zenão sonha.

Manipulam os bonecos, que contracenam.

Matilda (*Sussurra*) – Zenão? Zenão, acorda.

Zenão abre os olhos, mas custa a vir à tona; ainda sonha. A luz das estrelas ilumina o rosto de Matilda.

Zenão (*Sem tirar os olhos de Matilda, narra*)

– Eu abri os olhos e vi uma coisa que parecia toda feita de luz. Mas eu não entendia...

Matilda (*Sussurra, forte*) – Zenão?

Zenão (*Nem lá, nem cá*) – Matilda... Matilda, Matilda! Desculpa! Eu não ia dizer... eu não ia contar...

Matilda (*Firme, intensa*) – Zenão, acorda! O que é que você tá dizendo?!... Acorda, Zenão! Eu tenho que falar com você!

Zenão (*À platéia*) – Ela procurava os meus olhos no escuro, aflita. (*Para Matilda, consciente e alerta*) O quê?

Matilda (*Sempre sussurrando. Aflita*) – Zenão, você quer mesmo ser monge? Você quer mesmo passar toda a sua vida aqui?

Zenão (*Narra*) – O rosto dela, na luz das estrelas... era a coisa mais branca e mais linda que eu já tinha visto! Ela me perguntou... Eu nunca tinha pensado

naquilo... Eu não sabia mais nada! *(Para Matilda. Perplexo)* Eu não sei!...

Matilda *(Firme)* – Zenão, eu vou ter que ir embora.

Zenão – O meu coração parou. *(Para Matilda)* Mas você vai pra onde? Você vai fazer o que, lá fora?

Matilda *(Excitada)* – Zenão, uma vez, na aldeia, eu vi um teatro na rua! Você já viu, Zenão? É a coisa mais linda! E eles viajam pelo mundo todo... Se eu encontrar com eles de novo, eu vou pedir pra eles me levarem, que eu faço qualquer coisa, ajudo em tudo, que eu quero viajar e ver o mundo! *(Muda de tom)* Tem tanta coisa... e a gente fica aqui... *(Muda de tom)* Você não quer ver o mundo, Zenão?

A Levitação dos Porcos

(cena 12)

Zenão – Eu me levantei e disse que ia com ela... *(À distância, mesclados ao canto dos monges, soam grunhidos angustiosos de porcos)* De repente, a coisa mais estranha!... A gente começou a ouvir uns grunhidos. Pareciam os porcos... Mas eles ficavam no chiqueiro, lá do outro lado, depois da torre da igreja! E ia ficando mais forte. *(Zenão e Matilda apanham os bonecos)* A gente saiu pra ver o que era. *(Por detrás da torre da igreja, as formas arredondadas dos porcos do mosteiro flutuam no ar, translúcidas e*

azuladas) Eram os porcos, mesmo! Eles iam aparecendo um a um... E gritavam cada vez mais alto, apavorados, os bichos!

O canto pára. Alguns monges aparecem e, quando vêm os porcos voadores, fogem, gritando por socorro. Fascinado pela visão assombrosa, um dos monges fica.

Monge – Nossa, hein?! Que coisa!

Zenão está maravilhado. Matilda puxa-o para um canto e sussurra.

Matilda – Zenão? Acorda! Vai chamar o seu Galileu! Ele tem que ver isso! Anda! Vai, anda! Zenão sai correndo.

Porcos das Índias

(cena 13)

Entra Alquimíades.

Alquimíades – Ai, Zenão! O que é que você fez?!

O Abade entra e vê os porcos.

Abade – Mas... o que é isso?! O que é isso?!

Monge *(Maravilhado)* – Que loucura, hein? Os porcos, lá?!..

Abade *(Cortante, seco)* – Eu sei! Eu vejo! Os porcos! Então, Alquimíades? Será que você me explica o que é isso?

Alquimíades – Os porcos...

Abade *(Puxa resposta)* – Os porcos?...

Alquimíades – Os porcos... Estão... Voando, né?...

Abade *(Afeta alívio)* – Ah!... Voando... Voando... *(Muda de tom)* Mas você não acha

isso um pouco estranho?

Alquimíades – Hum... Depende...

Abade – Depende?...

Alquimíades – Dos porcos... Depende dos porcos...

Abade – Dos porcos...

Alquimíades – ... É... do tipo, né?... Tem ilhas, nas Índias, onde os porcos voam e até falam...

Abade – Sei... Mas esses porcos não são indianos, não?

Alquimíades – É... esses não...

Abade – E... será que você tem idéia de quanto tempo eles ainda vão ficar aí?

Alquimíades (*Examinando os porcos*) – Hum... Difícil dizer...

Abade – Eu acho que vou mandar preparar a sala de tortura....

Alquimíades (*Suplica*) – Não!... Não!

Abade – Alquimíades, eu quero os meus porcos no chão! AGORA!

Alquimíades – Mas... Como?! Eu...

Abade – Como?! Você me pergunta como?! Os meus porcos estão voando por cima do mosteiro por que você deu pra eles um feitiço infernal, e você me diz que não sabe como é que faz pra eles descerem?! Alquimíades!

Monge (*Ligação nos porcos*) – Já pensou?!... A gente lá?... (*Faz que flutua e voa*) Uuuuuuh!...

Abade (*Enérgico*) – “Uuuuh”, o quê?! “A

gente lá” o quê?! (*Para Alquimíades*) Olha aí! Tá vendo?! Você já pensou, seu maluco, se o Cardeal não é surdo?! Já pensou se o velho vê essa coisa dos infernos?! (*Muda de tom*) Ele vai acordar pra ceia! E eu disse que você ia preparar uma coisa inesquecível. E se esses porcos ainda estiverem voando!... Olha... eu nem sei! Eu nem sei! (*Muda de tom*) Eu te entrego pra ele. Pronto! (*Muda de tom*) Então, dá um jeito nisso aí! (*Para Monge 1*) Vem, você também! Rezar, na igreja, com todo mundo! Tirar essas coisas da cabeça! (*Saem*)

Sonho de Galileu

(cena 14)

Alquimíades - Ai, ai...

Zenão volta com Galileu.

Galileu (*Vendo os porcos*) - Ah! Ha! Mas essa está ótima, hein, alquimístico?! Me conta, como foi? (*Alquimíades o evita*) Não sabe, né? Não sabe *nada*, né? Faz tudo de qualquer jeito... (*Muda de tom*) Vai pra sala de tortura... Vai pra sala...

Matilda – Seu Galileu, o senhor não está vendo? Os porcos... lá de cima... Talvez, de lá de cima eles possam ver que a terra gira em torno do sol!

Galileu (*Ironiza*) – É! Da próxima vez a gente pede a eles pra anotar tudo... Eles podem levar o telescópio! Hein?!...

Matilda – Seu Galileu, se o feitiço do meu tio fez eles voarem, a gente também pode...

E com o telescópio... lá de cima...

Galileu – Você está dizendo que é pra gente tomar um negócio desses do seu tio e ver se voa?! ...Menina?! *(Desafia, irônico)* Tá bom! Quem vai?!
Matilda – Eu. Eu vou!

Zenão – Eu também!

Galileu – Vocês... Vocês... Olha só... esse maluco faz as coisas mas não sabe como começa... quando acaba... porque... Ele não sabe nada! *(Para Alquimíades)* Sabe, Alquimíades? *(Alquimíades abaixa a cabeça, humilhado)* Viu?! *(Muda de tom)* E vocês acham que isso daí vai acabar como? Imagina você lá em cima, voando... “Ah, vou provar que a terra gira em torno do sol!”, aí, de repente... *(Os porcos desabam todos de uma vez, com um grande estrondo)* Viu?! *(Muda de tom)* Pelo menos você escapou dessa, hein, alquimístico? Bom, eu vou voltar pra cama, que eu estava sonhando com o futuro! E no futuro, por causa das coisas que eu pensei, todo mundo voava. E não era essa bagunça, aí, não. Voava direito. Nuns passarões enormes, de ferro, todo mundo dentro... Uma coisa linda! Dum lado pro outro. Daqui pras Índias... de lá pra cá... Sai falando do sonho.

A Coisa que Faz Voar

(cena 15)

Alquimíades – Velho maluco, arrogante! O que é que tem a ver a terra, o sol... quem tá parado, quem tá girando, com isso de voar? Tem nada a ver. Imagina... um passarão de ferro!

Matilda – Mas ele sabe do que está falando. Ele fez muitos cálculos e viu as coisas no céu... e como...

Alquimíades – Sabe, nada!

Surgem os bonecos dos dois monges traficantes.

Monge 1 – Ai? Alquimíades? *(Chamam-no à parte)* Com a confusão dos porcos, deu pra gente pegar o que você queria!

Monge 2 – Isso. O pleples... pleples... pleplescló...

Alquimíades – Tá, tá, tá, tá, tá! Cadê? Me dá, aí!

Monge 1 – Peraí... peraí... *(Muda de tom)* Alquimíades, você vai dar pra gente essa coisa que você deu pros porcos?

Monge 2 – É! Essa coisa que faz voar!!

Alquimíades – Mas...

Monge 1 – A gente precisa!...

Alquimíades – Mas é muito perigoso! Eu...

Monge 2 – Ah, então... o pleples...

Alquimíades – Tá bom, tá bom! *(Para Matilda)* Vai na cozinha e pega o potezinho vermelho. *(Para os monges)* Me mostra.

Monge 1 (*Para Monge 2*) – Me dá aí o negócio.

Monge 2 (*Entrega um pau ao Monge 1*) – Aqui, aqui!

Alquimíades (*Estranha*) – O que é isso?!

Monge 1 – O tubo mágico do bruxo!

Alquimíades – “Tubo mágico”?! Que “tubo mágico”?! Isso aí é um cajado!

Monge 1 (*Para Monge 2*) – O que é isso, aqui, idiota? É o cajado de São Firmino! (*Dá com o cajado na cabeça do Monge 2, que geme*) Cadê o tubo, sua besta?

Monge 2 (*Procurando dentro do hábito*) – Ai!... o tubo...

Monge 1 (*Bate*) – Cadê, cadê, cadê?

Monge 2 – Ai! Táva aqui... Achei!... achei... É isso?... Bate mais não!...

Alquimíades – O telescópio! Me dá!

Monge 1 – E a coisa que faz voar?

Matilda entrega o pote ao tio.

Alquimíades (*Estende o pote vermelho*) – Aqui. (*Indica o telescópio*) Me dá.

Fazem a troca. Os monges admiram o pó dentro do pote vermelho.

Monge 2 – E faz o que, com isso?

Monge 1 – “Faz o que com isso”?! “Faz o que com isso”?!

Monge 2 – É. A gente faz o que, com isso? (*Faz pouco*) Com esse pó?!

Monge 1 – Mas você é burro, hein?! A gente... T’ái... O que é que a gente faz com isso?

Alquimíades (*Examinando o telescópio*) – Dissolve em água quente e toma.

Monge 2 – E aí, a gente voa?...

Alquimíades – Voa! (*Muda de tom*) Não! Quer dizer... Não é assim, de uma hora pra outra. Tem que tomar todo dia, assim que acorda... com os braços abertos pro norte, e olhando pro sul.

Monge 2 (*Tenta*) – Mas não dá pra fazer isso... Ou você olha pro sul, ou abre os braços pro norte... Os dois, não dá...

Alquimíades – Ah... tá vendo? (*Celebra*) Tá en-ten-den-do! A poção do entendimento fazendo efeito! (*Muda de tom*) Faz uma coisa de cada vez, mula! Toma, abre os braços pro norte, depois olha pro sul! Mais dia, menos dia, você sai voando! Anda! Vai que dá certo. Enquanto deixam a cena, ensaiam o ritual.

Monge 2 (*Para Monge 1*) – Onde fica o sul, hein?...

Leva uma pancada.

Monge 2 – Ai!

(Saem).

A Luz das Estrelas

(cena 16)

Matilda – Tio? Isso é do Galileu. A gente devia entregar pra ele...

Alquimíades (*Às voltas com o telescópio, ignora*) – Vai na gaveta e pega o manuscrito.

Zenão (*Narra*) – E ele passou a noite ali. Ia e voltava, do telescópio pro manuscrito do

Galileu. A Matilda não agüentou e dormiu, ali mesmo, em cima da mesa. Eu também não agüentei muito mais não...

Alquimíades (*Grita, excitadíssimo*) – Ah! Ha! Ha! Eu disse! Eu disse! Aqui! Isso! (*Baixo, consigo*) Era isso!... Era isso!... (*Mostra o livro a Zenão e Matilda, mal-recuperados do susto. Fala baixo, quase em segredo, mas triunfante*) Ó! Tá aqui! Era isso!... Eu sabia que o velho arrogante não entendia direito o que *ele mesmo* via...

Matilda (*Quase insolente*) – Mas ele me explicou por que e como a terra anda em volta do sol, e eu entendi perfeitamente! E eu acho que ele está certíssimo!

Alquimíades – Mas eu estou falando é de outra coisa! Ele viu o que *ele* viu, mas ele *não viu* o que *eu* vi! E se eu conseguir provar, ele vai ver que a *minha* arte é muito mais poderosa que a dele! E que, no futuro, se alguém vai lembrar dele é como o maluco arrogante que ele é!

Matilda (*Faz pouco, descrente*) – Ah, é? E como é que você vai fazer isso, tio?...

Alquimíades (*Grandiloquo*) – Eu vou trazer pra cá o Maior Sábio do Futuro!

Matilda – Vai o quê?!

Alquimíades – Eu vou inverter a essência da luz, e trazer pra cá o Maior Sábio do Futuro!...

Matilda – Você vai inverter o quê?!

Alquimíades – A essência da luz!

Matilda – A essência da luz?!... (*Impaciente*) Mas que luz, tio?!

Alquimíades (*Revidando*) – A Luz das Estrelas! A que o seu “grande sábio” não viu!

Matilda – A “Luz das Estrelas”?! Mas como que ele não viu, tio? As estrelas são luz!

Alquimíades – São... São... Mas não é essa luz... É a luz *entre* as estrelas! Eu vou atrair a Luz das Estrelas, com o orvalho! O orvalho atrai a Luz das Estrelas!

Matilda (*Para Zenão*) – Iiih!

Zenão – Não... Eu acho que eu sei!...

Matilda (*Contrariada, ironiza*) – Ah! Então, eu sou a louca aqui? A única que não entende?...

Alquimíades (*Sério*) – Não, Matilda, é que o “sábio” te enfeitiçou com números. E agora, você pensa que nem ele: dois mais dois, quatro. Mas não é assim. Uma coisa pode, ao mesmo tempo, estar e não estar aqui, ali, em qualquer lugar!... Matilda, está tudo na Luz. O tempo todo! (*Regula o telescópio*) Zenão, faz um círculo... (*Calcula*) Aqui!

Matilda (*Despeitada*) – Vocês acham que eu não entendi... Mas eu entendi perfeitamente! As mulheres são muito mais inteligentes que os homens. Eu só *discordo* dessa maluquice toda, aí...

Alquimíades (*Entrega o planisfério a Zenão*) – Coloca isso no centro do círculo. Pronto.

Alquimíades *inverte o telescópio, a lente de*

maior diâmetro voltada para o centro do círculo.

Matilda (*Debochada*) – Ah, ficou lindo!... É pra quê, isso?

Alquimíades – A Luz das Estrelas entra pela janelinha, é atraída pelo orvalho dentro do tubo virado ao contrário, se inverte lá dentro e sai do outro lado, direto no círculo... Ao contrário...

Matilda (*Sempre irônica*) – Ah... E aí?...

Alquimíades (*Ordena*) – Matilda, pega o pote de orvalho.

Matilda – O pote de orvalho?! Eu, não! Eu não quero ter nada a ver com isso... essa confusão aí de vocês.

Zenão *pega o orvalho.*

Alquimíades (*Para Matilda*) – Olha, faz alguma coisa útil?... Apaga tudo aí... (*Borrifa as lentes do telescópio com o orvalho*) As lâmpadas... as velas...

Matilda (*Preocupada*) – Apagar tudo?! Apagar tudo, pra quê?!

Alquimíades – Porque isso aqui tem que ser no escuro! Como é que a Luz vai entrar pelo tubo, se está tudo iluminado? (*Esparge orvalho sobre o círculo*) A Luz, Matilda, só se revela no escuro!

Matilda – Mas... Será possível que vocês achem mesmo que isso vai dar certo?!... Imagina?! “O Maior Sábio do Futuro!”... orvalhinho... Isso aí não vai

dar em nada, gente!

Zenão – Matilda, se não vai dar em nada, então também não tem problema algum, né? Você podia ser um pouco menos...

Matilda (*Desafiadora*) – Menos o quê?!

Zenão – Sei lá... (*Firme*) Um pouco menos mulher!

Matilda (*Para Alquimíades*) – Manda ele apagar!

Alquimíades (*Desistente*) – Zenão...

A Evocação

(cena 17)

Os monges cantam. Zenão apaga as lamparinas a óleo e as velas. Resta a luminosidade que vem da janelinha.

Alquimíades (*Solene e grave; começando em tom baixo, cresce com a música.*) – Luz das Estrelas, espelho do universo, morada do tempo, viajante das sombras; inverte o teu sentido e traz, do abismo do tempo, o teu fruto mais rico!

A Luz das Estrelas, tragada pelo telescópio invertido, forma um intenso fecho cônico. Sons cristalinos, etéreos, superpõem-se ao canto dos monges.

Zenão – Que som é esse?!...

Alquimíades (*Em êxtase*) – É a Música das Esferas! A Música de Pitágoras!! Eu estou ouvindo a música de Pitágoras!! (*Aprensivo*) Ih!, parece que deu certo... (*Procura onde se*

abrigar) É melhor vocês saírem daí...

Esconde-se. Matilda e Zenão continuam de pé, no centro da cena. A música cresce; a luz se intensifica. Matilda, fascinada, não se move.

Zenão (*Puxando-a pela mão*) – Vem!

Escondem-se, separados. Um outro cone de luz, inverso ao superior, incide sobre o planisfério e se reflete em todas as direções. A música é, agora, uma mescla vertiginosa de sons, que terminará por soar como um estrondo. A luminosidade torna-se tão intensa quanto o som, tomando o ambiente e ofuscando a platéia. Subitamente, os efeitos refluem e cessam. Silêncio total e escuridão.

Alquimíades (*Para chamar os outros, distorce o timbre da voz e emite sons sem sentido*) – Uh-hu?...

Zenão (*Idem*) – Hã-hã?...

O diálogo se torna profuso. Matilda acende uma vela e intervém.

Matilda (*Baixo*) – Tio?! O que é isso que vocês estão fazendo, hein?!

Alquimíades (*Cauteloso*) – ...Matilda?!

Matilda – Não! É a Cabra Sem Cabeça da Escarpa Sinistra!!

Alquimíades – Quem?!!

Matilda – Sou eu, tio!!

Alquimíades (*Ralha, aliviado*) – Aaaah, menina! Cadê o Zenão? (*Chama*) Zenão?

Zenão (*Desconfiado*) – Alquimíades?...

Alquimíades – Não! É a Vaca Manca do Brejo Soturno! (*Muda de tom*) Acende as velas, aí, garoto!

Zenão começa a acender as velas. Deitado no centro do círculo, há um vulto. Matilda e Alquimíades se aproximam. Abraçado a uma maleta de estudante, o boneco de um garoto pequeno, de idade indefinida, vestido de excursionista tirolês, dorme profundamente.

Matilda – Quê isso?!

Zenão – Nossa!, deu certo...

Matilda – Mas quem é esse daí?!

Alquimíades – Sssssh! Não pode acordar. Ele tem que acordar sozinho, senão...

Matilda – O quê?

Alquimíades – Eu não sei... eu nunca fiz isso... É melhor esperar... Talvez a coisa ainda esteja se completando... Vai ver ele não está inteiro, ainda, por dentro...

Aproxima-se do boneco e, com cuidado, abre a sua mochila.

Matilda – Ele veio do nada!

Alquimíades – Matilda, nada vem do nada!

Matilda – Mas é um garotinho....

Alquimíades – Mas se ele for quem eu sei que ele é, isso não vai fazer a menor diferença!

Matilda (*À parte, para Zenão*) – E agora?! Ele disse que ia trazer pra cá o maior sábio do mundo do futuro, e esse aí é um garoto

menor do que a gente!

Alquimíades (*Com um Atlas, que encontrou na mochila*) – O que é isso aqui? Um Atlas?...

Zenão – Um quê?

Alquimíades – Um Atlas. Uma coleção de mapas... Não enxergo nada!! (*Estende o Atlas para Zenão*) Olha aqui, você. Um número. É um número? Aí...

Zenão – Mil oitocentos e oitenta e oito... 1888.

Alquimíades – 1888?! Você tem certeza? Você viu direito?! 1888?!

Zenão – É! O que é que tem? Não é?

Alquimíades – É ou não é?! Você quem viu!

Zenão – Mas... eu disse! 1888! É!... 1888!

Alquimíades (*Excitadíssimo*) – Ah! Ha! Eu sabia, eu sabia! Eu disse! 1888! Ele veio de 1888... ou de mais ainda! Deu certo! Deu certo!

Matilda – Não sei o quê que deu certo. Isso aí, pra mim, não é dar certo.

Alquimíades – E aqui? O que é que tem escrito aí?!

Tentam ler.

Matilda – Serve pra que, um sábio assim... tão pequeno? Ele deve ter uns nove anos... hum!...

Zenão – Não entendo...

Alquimíades – É alemão... Está escrito em alemão!

Matilda – Eu não disse que ia dar errado?! Alemão! Como se a gente já não tivesse

bastante problema! Um protestante!

Alquimíades (*Ignora*) – Ó... tem um nome, aqui... bem fraco... na contra-capá. Albert...

Albert qualquer coisa...

Zenão – Albert (*Pronuncia mal*) Einstein...

Alquimíades – Soletra.

Zenão – E, i, n, s, t, e, i, n.

Alquimíades – Einstein! Einstein... Albert Einstein...

Matilda – É melhor mandar de volta isso...

Alquimíades – Aaaaah!!... Ssssh! (*Volta ao Atlas*) Deixa ver, aqui...

Zenão – Alquimíades, esse aí pode ser qualquer um...

Matilda – É, tio. Esse aí não parece nada, nada com o maior sábio do mundo do futuro.

Zenão – Vai ver a gente errou um pouquinho de nada, e a luz invertida saiu torta...

Matilda – Isso! A gente dá uma ajustadinha na posição do tubo, chama a Luz de novo e pede pra trocar...

Alquimíades (*Se irrita*) – Pede pra trocar?!

Menina, isso aqui não é o sapateiro da aldeia. É a Luz das Estrelas! Não dá pra “pedir pra trocar”! E depois, eu não sei se eu sei como é que manda de volta.

Matilda – Não sabe? Tio, você não sabe mandar de volta?!

O menino se mexe.

Zenão – Ih! Ele tá acordando!

O Menor Sábio do Futuro

(cena 18)

O menino acorda, vê as três figuras na sua frente, se assusta e recua.

Einstein – O que é isso?! Quê isso?! Onde é que eu tô?! O que é isso aqui?! Ai, meu Deus!... Eu estava indo pra escola...

Zenão – Ué! Ele tá falando igual a gente! Alemão não fala alemão?!

Alquimíades – Vai ver, o objeto transposto já vem traduzido.

Einstein – O que é que vocês estão falando?! Vocês são o quê?! O que é que vocês querem?! (*Desespera-se*) Cadê a minha mãe?!

Alquimíades (*Afetado*) – Calma, calma... tudo bem... tu-do bem... Mim explicar. Mim trazer você... Você viajar tempo... Mim trazer você seu tempo – nosso tempo... futuro – passado... Entender? Mim inverter Luz!...

Matilda – Tio?! Por que é que você tá falando assim com ele?!

Alquimíades – Sei lá... me pareceu apropriado... não sei...

Einstein – Vocês são malucos! Onde tá a minha mãe? Eu quero voltar pra casa... (*Histérico*) Eu quero voltar pra casa, eu quero voltar pra casa, eu quero voltar pra casa!!!

Matilda (*Firme, decidida*) – Olha só, não dá!

Einstein (*Desolado*) – ... mas, eu estava indo pra escola...

Matilda – Pois, é, mas o meu tio só sabe

trazer pro passado, não sabe mandar pro futuro.

Alquimíades – Não foi isso que eu disse. Eu disse que eu não tenho certeza...

Zenão – Mas se ele é o maior sábio do futuro, não é só perguntar pra ele? No futuro, todo mundo deve saber viajar no tempo...

Matilda – Ah, é? Então por que é que a gente não conhece ninguém do futuro? Você já viu alguém do futuro? Alguém já chegou pra você e disse “Oi! Eu vim do futuro...”?!

Einstein – Mas do que é que vocês estão falando?! Aonde é que eu estou?! Que lugar é esse?!

Matilda – Eu vou te explicar. (*Rápida, eficiente*) Você viajou no tempo. Do futuro pro passado. (*Muda de tom*) O meu tio cismou de trazer pra cá o “Maior Sábio do Futuro”... Mas alguma coisa não deu certo, por que você não é o “Maior Sábio do Mundo do Futuro”, né? (*Espera a resposta*) Você é? Einstein (*Tonto*) – O quê?!...

Zenão (*Impaciente*) – O maior sábio do futuro?!

Einstein – Eu????!!!! Mas... Não... Eu, não!... Eu... peraí! Mas, que “futuro”?! Que história é essa de “futuro”?... De que “futuro” que vocês estão falando?!

Matilda – Como, “que futuro”? E tem outro? O nosso futuro, ué!

Zenão (*Cuidadoso, observa*) – Mas... Matilda... aqui é o passado do futuro dele...

Alquimíades (*Reflexivo, corrige*) – Não... O presente dele é o nosso futuro. O passado dele é o nosso presente.

Zenão – Não foi o que eu disse?...

Matilda – Mas o que é que vocês estão dizendo?! Pra gente, aqui, no passado, só existe futuro!

Zenão – E presente.

Alquimíades (*Faz pouco do “presente”*) – Nada! Presente, nada! O presente é um momento, assim... Vira passado o tempo todo.

Zenão – Então... o futuro dele é o nosso passado?...

Einstein (*Indigna-se*) – Não! Peraí! Que isso? O meu futuro é o meu futuro! Não tem nada a ver com o passado de vocês!

Alquimíades (*Corrige novamente*) – Presente... com o nosso presente.

Einstein (*Considerando*) – Isso... Presente... O meu passado é o presente de vocês.

Zenão – E o nosso futuro, o seu presente!

Matilda (*Muito debochada*) – Nossa! Incrível essa conversa de vocês, hein?! Então... ele está no *mais-que-perfeito e presente-pretérito-do-futuro!*... (*Cada vez mais irônica*) Talvez ele ainda estivererêsse no futuro se vocês não *houvererêssem* trazido ele. Aí, ele não *estara* aqui no passado do futuro dele! Não é isso? (*Bufa, irritada*) Uh!

Alquimíades (*Ignora*) – Enfim: Eu trouxe

o seu presente para o nosso. Então, o seu passado, agora, é o seu presente. Que também é o nosso.

Zenão – Isso. (*Conclusivo, para Matilda*) Ele agora está no passado do presente dele.

Einstein (*Intrigado*) – Mas não é possível estar no passado. Só é possível estar no presente. No passado você estava... esteve... (*Raciocina e se dá conta, espantado*) Eu... Eu estou... no passado?!

Matilda – Ai, ai...

Alquimíades (*Feliz*) – Ha! Viu? Você sabe pensar! A gente pode dizer que você está presente no seu passado. Você entendeu, tá vendo? Você é exatamente quem eu disse que é.

Einstein (*Tonto*) – ...quem?...

Alquimíades (*Eufórico*) – O Maior Sábio do Futuro!

Einstein – Eu quero voltar pra casa...

Alquimíades – E vai. Você vai voltar, vai voltar. Zenão, inverte o tubo... E pega mais orvalho... Eu vou desfazer a inversão e vou mandar você de volta, já, já... Mas olha só... (*Apanha o livro de Galileu*) Enquanto isso, você podia me dizer umas coisas sobre o futuro... Isso aqui...

Einstein (*Examina vagamente o mapa*) – É um mapa do universo...

Alquimíades – Um mapa... eu sei... Muito bem, mas...

Einstein (*Corrige-se*) – Do sistema solar.

Alquimíades (*Perplexo*) – Você disse... sistema...

Einstein (*Impaciente*) – Sistema solar. O sol, com os planetas em volta... girando em volta...

Alquimíades – ... Sei... Mas...

Einstein – Mas o quê????!! (*Procura*) Já tá pronto, o negócio?! Eu quero voltar pra casa!

Alquimíades – Já, já... É só as nuvens saírem da frente, ali... pra Luz das Estrelas poder...

(*Volta ao mapa*) Mas olha... isso aí...

(*Desdenha*) foi o Galileu quem fez...

Einstein – Hum?!...

Alquimíades – Galileu... Galilei...

Einstein (*Olhando de novo o mapa, agora curioso*) – Olha, eu acho que não...

Alquimíades (*Vitorioso*) – Ha!

Einstein – Eu acho que esse é do Copérnico...

Alquimíades (*Exulta*) – Ha, ha!

Matilda – Nicolau Copérnico?...

Einstein – Isso... foi ele quem disse que a terra girava em volta do sol...

Alquimíades – Que coisa, hein?! Ainda por cima... (*Conclui*) ladrão, o “Sábio”!...

Einstein – O Copérnico disse que a terra girava em torno do sol, mas quem provou isso foi Galileu.

Matilda (*Como o tio*) – Ha!

Alquimíades – ...Galileu... Galilei?...

Matilda (*Irônica*) – O Maior Sábio do Passado, se você quiser...

Einstein – Ele que provou isso tudo.

(*Alquimíades murcha num dos bancos*) Mas todo mundo sabe!... Até eu! (*Entende*) Ah!,

se vocês estão no passado, mesmo... vocês não têm como saber, né?... Olha aí, no meu

Atlas da escola tem. (*Mostra*) É o sistema solar. A terra girando em volta do sol. Galileu Galilei. (*Estranha as expressões*) Mas... e qual foi o problema, agora?!

Matilda (*Divertida*) – Você não tá entendendo nada, né? Olha, sabe o que é? O Galileu Galilei, esse mesmo que você tá dizendo, mora aqui ao lado... O meu tio e ele brigaram... eles vivem brigando...

Einstein (*Mete-se pela fala de Matilda, interrompendo, ansioso*) – Você tá dizendo... Galileu Galilei?... Galileu Galilei mora aqui?!

Matilda – Aqui pertinho. Eu vou sempre lá...

Einstein (*Absorto*) – E o que é que ele faz?

Zenão – Ai, comida!... Umas comidas horríveis!...

Einstein – Ele não escreve?

Matilda – Escreve. Mas os monges guardam tudo na biblioteca do mosteiro.

Einstein – Os monges guardam o que ele escreve? (*Matilda faz que sim*) Tudo?

Matilda – Tudo. Cada folha. Fica tudo escondido na biblioteca e nunca mais vai sair de lá.

Einstein – Eu tenho que falar com ele.

Alquimíades – Com Galileu?!

Einstein – É!... As coisas que ele escreve não podem ficar aqui, presas. Elas têm que sair

daqui... Os outros cientistas vão ter que ler. Se eles não lerem... o futuro... o futuro pode ficar todo diferente!...

Zenão – Mas se no seu livro... se já está tudo lá... Se você diz que todo mundo sabe quem ele era e o que ele escreveu, e tudo...

Einstein – É... eu sei, eu sei... Mas... E se não era eu mesmo que tinha que vir aqui pra falar com ele e fazer alguma coisa pra elas saírem daqui? Entende?! (*Determinado*) Vocês têm que me levar lá. Eu tenho que falar com ele. Se vocês dizem que eu sou quem vocês dizem que eu vou ser, eu tenho que falar com ele!

Matilda – Zenão, a gente pode levar ele lá...

Zenão – Nossa! Ele não vai acreditar, de jeito nenhum, que você é quem você é. Ele não vai acreditar nunca que você veio do futuro...

Einstein – Ele não gosta de provas? Ele não acredita no que vê? Eu vou levar uma prova! (*Pega o Atlas e põe na mochila*) Então? Pra onde é?

Matilda (*Para Zenão*) – Eu levo ele. É melhor vocês arrumarem isso aí, que já, já, vêm o Abade com o Cardeal! (*Alquimíades está deprimido*) E você ainda nem fez nada, tio!... Tio?!... Zenão, fala com ele... (*Para Einstein*) Vem.

Matilda e Einstein saem.

O Mingau

(cena 19)

Zenão (*Arruma a cozinha, esconde o telescópio etc.*) – Eles foram falar com o Galileu. O Alquimíades estava um caco. O Maior Sábio do Futuro tinha dito que o Galileu era O Maior Sábio do Passado... Alquimíades, você vai ficar aí, assim?!

Alquimíades – Ai, Zenão, que decepção esse menino!

Zenão – Alquimíades, você acabou de trazer o Maior Sábio do Futuro!

Alquimíades – Pra ele dizer que eu sou a Maior Besta do Presente...

Zenão – Mas, Alquimíades, você conseguiu, não conseguiu?! A inversão da luz deu certo!

Alquimíades – Será? Vai ver foi tudo por acaso... Vai ver ele nem é nada disso, esse menino...

Os monges cantam.

Zenão (*Escutando*) – Alquimíades! Eles já estão no coro! Nossa! Já, já eles descem pra ceia com o Cardeal de Tal! Alquimíades?... Alquimíades?!... A gente tem que preparar a comida!... Eles estão cantando... Já, já termina... Tem que fazer alguma coisa!...

Alquimíades – Ahn...

Zenão – Alquimíades?! (*Desiste*) Eu faço, anda! Me diz.

Alquimíades (*Num fio de voz*) – Hum... (*Passa os olhos pela cozinha, lento, desanimadíssimo*) Sei lá... mingau?...

Zenão – Mingau, Alquimíades?! Pr'um Cardeal?!...

Alquimíades – Não sei... Rima, né?...

Mingau: Cardeal... Mingauzinho de aveia...
Agrada sempre...

Um monge entra, apressado.

Monge (*Meio em segredo*) – Alquimíades?
O Abade está vindo aí, com o Cardeal... Ele tá lá segurando o velho... Me mandou saber dos porcos...

Zenão (*Assumindo*) – Já desceram faz tempo.

Monge – Ah! Ótimo! E a ceia? Ele quer saber da ceia.

Zenão – Quase pronta.

O monge sai.

Zenão – Eu não sei fazer mingau, Alquimíades!

Alquimíades – É sopa... (*Melancólico, acha graça*) Han...

Zenão – Alquimíades?! É sério! O homem tá esperando uma coisa especial! Sabe lá as maravilhas que o Abade disse pra ele, das tortas?! E você diz que vai fazer mingau?! É um Cardeal, Alquimíades! Não é pouca coisa não!

Alquimíades (*Se irrita*) – E daí, “Cardeal!”? Eu sei bem o que é um Cardeal, rapaz! É muito pior que mingau! Eu já engoli uns dez na vida! É amargo! (*Resoluto*) Taí, o Cardeal vai comer mingau! Vai lá: aveia, mel, leite... E por que é que não pode comer mingau?

Quando era criança, comeu! Que nem todo mundo! E é o que tem!

Zenão – Não, não tem.

Alquimíades – Não tem o quê, rapaz?!

Zenão – Nada!

Alquimíades – Nada?! Droga! (*Lembra do Tzocolatl*) Ah!, tem isso aqui...

Zenão – O tzocolatl?...

Alquimíades (*Ordena*) – Leite. (*Pega a barra de tzocolatl e passa a socá-la em um almofariz*) Põe no fogo, aí na panelinha... O jarro todo!... Fogo baixo... Chega pra lá. (*Entorna no leite um bocado de tzocolatl*)

Mexe! Mexe, mexe, mexe! (*Soca mais tzocolatl*) Então? Dá aqui. (*Prova*) Hum... tá ralo... Mais desse troço. (*Põe mais tzocolatl*) E tem que pôr mel! Põe, aí. Põe, põe, põe... (*Zenão põe mel e mexe. O canto cessa*)

Zenão (*Pára de mexer*)– Acabaram de cantar! Eles vêm aí, Alquimíades!

Alquimíades – Pára não, pára não! Senão faz caroço! Me dá isso aí.

Toma a colher e assume o comando.

Chocolate

(cena 20)

Entram o Abade e um monge, que ampara e manipula o boneco do Cardeal.

Abade – Então, então?... (*Para o Cardeal, submisso*) O... Alquimíades...

Cardeal – Alcibíades?!...

Abade – Alquimíades...

Cardeal – “Alqui”, quem?
Abade – O cozinheiro! As tortas... são dele...
Cardeal – Ah, o cozinheiro... Mas... As portas são dele?!
Abade – As tortas!... Ele foi dispensado dos serviços para preparar a ceia...
Cardeal – A meia?!
Abade – A ceia! A ceia especial...
Cardeal – A meia espacial?! Meu filho, eu...
Zenão, despachado, põe pratos e talheres sobre a mesa.
Abade (*Impacienta-se*) – A ceia! A ceia, com as tortas! (*Pede socorro a Alquimíades*)
Então, Alquimíades, querido?!
Alquimíades (*Pondo a panela sobre a mesa, berra*) – Mingau!
O Cardeal espia no caldeirão.
Cardeal de Tal – Hum... mingau!... Mingau de quê?
Alquimíades – Tzocolatl...
Cardeal (*Oferecendo o ouvido*) – Ahn?!
Alquimíades (*Berra, no ouvido do Cardeal*) – TZOCOLATL! CRIAÇÃO NOVA. INVENTEI HOJE. (*Vai servindo uma porção para o velho*) TZO-CO-LATL!
Cardeal – Chocolate? Chocolate... chocolate... Nunca ouvi falar... Mas eu sou um entusiasta do novo, das invenções, das novidades! Excelente, excelente! (*Cheira*) E cheira bem... Cheira muito bem, mesmo! (*Prova*) Mas isso!... (*Mal consegue falar.*

Come) Eu não!... (*Devora sofregamente o mingau de chocolate. Faz sinal para que o Abade tome assento. Alívio geral*) Mas o que é isso?!... Um dom divino! Um anjo cozinheiro! Meu filho, você vai ser canonizado!
Servem-se, comem, maravilham-se, confraternizam. Enquanto Zenão narra, o foco da mesa se apaga.
Zenão – Enquanto eles comiam, na casa do Galileu, a Matilda jurava, pela cruz, que o tio dela tinha trazido aquele garotinho do futuro.

Galileu e Einstein

(cena 21)

Galileu (*Irritado*) – Matilda?! Você quer que eu acredite que o maluco do seu tio descobriu um jeito de viajar no tempo e trouxe isso aí do futuro, esse fantoche de feira?!
Matilda – Mas seu Galileu, eu juro...
Galileu – “Jurar”, o quê, menina? “Jurar”, o quê? Todo mundo jura o que bem entende! Quer dizer nada!
Einstein (*Põe o Atlas diante de Galileu*) – Eu trouxe isso aqui do futuro...
Galileu – Eu tenho mais o que fazer!
Matilda – Seu Galileu, olha o livro!
Galileu (*Indica a saída*) – Por favor...
Matilda – Mas tem um retrato do senhor, aí. Seu Galileu, olha o retrato!

Galileu (*Vê o retrato*) – Hum! Esse retrato é antigo. Todo mundo conhece.

Einstein – Olha: (*Lê*) “Galileu Galilei provou que a terra girava em torno do sol. Sua última obra, “*Discurso sobre duas novas ciências*” foi levada para fora da Itália, e publicada na Holanda...”.

Galileu (*Surpreso*) – Os Discorsi? Você disse... “Discurso sobre duas novas ciências”?... (*Perplexo*) Mas, como é que você pode saber? Eu não dei nome ao livro, ainda! Eu... eu pensei nesse título, mas...

Matilda – Seu Galileu, ele trouxe isso do futuro!

Galileu – E está em alemão...

Einstein – É o Atlas da escola. (*Com o Atlas*) Aqui no começo, olha, tá vendo?

Galileu (*Espantado*) – Isso... esse é o...

Einstein – O sistema solar.

Galileu – A terra em volta do sol!... Mas... é o meu trabalho... O meu trabalho! É quase igual...

Einstein (*Animado, seleciona páginas*) – É isso! A gente aprende na escola. Tudo o que você disse!... E tem mais...

Galileu – Mas... (*Espantado*) Como pode estar escrito aí, assim?! E como isso chegou na Alemanha?!

Volta ao Atlas.

Einstein – Você já terminou esse livro que diz aqui? Os Discorsi?

Galileu – ...os Discorsi... já...

Einstein – E eles pegaram?

Galileu – Quem?

Einstein – Os monges! Os monges pegaram esse livro, os Discorsi?!

Galileu (*Recupera-se*) – Não... Não. O livro anda comigo o tempo todo. (*Tira um maço de folhas de dentro do casaco*) Aqui. (*Fascinado pelo Atlas, aponta*) E esse aqui? Quem é esse aqui?

Matilda (*Pega o manuscrito, mas as folhas estão soltas e caem no chão*) – Droga! Começa a catar as folhas.

Einstein – Um cientista inglês. Newton. Isaac Newton.

Galileu – Eu não conheço esse Newton... Não conheço. Nunca ouvi falar...

Einstein – Mas ele ainda não nasceu! Vai nascer ainda! Em 1642! (*Mostra no Atlas*) Olha! Olha o que diz aqui: “Isaac Newton, estudando o trabalho de Galileu Galilei e de Kepler, elaborou uma teoria que dizia que todos os corpos se atraem uns aos outros.” É a Lei da Gravidade!

Galileu (*Perplexo*) – Lei do quê?!

Einstein – Da Gravidade. Lei da Gravidade. Ele estava debaixo de uma árvore e viu uma maçã cair. Aí ele pensou nisso aí. Que as coisas se atraem. A terra atraiu a maçã!

Galileu – A terra atraiu a maçã?!...

Einstein (*Meio sem jeito*) – É a historinha

que eles contam, né?... Não sei...

Galileu (*Bruscamente*) – Mas como você pode ter vindo do futuro?! Isso não existe. Passado, futuro... Só o presente... Só presente. Começa e acaba aqui!

Einstein – Olha, eu não sei, não. Eu estou começando a achar que isso tudo é muito relativo.

Matilda (*Terminou da catar as folhas*) – liiih, vai começar aquela conversa do futuro do passado... (*Urgente*) Você não quer voltar pra casa? Daqui há pouco clareia, acaba a Luz das Estrelas e, aí, só amanhã. Anda! O tempo passa!

Toma Einstein pela mão e vai saindo.

Galileu – Não!... Espera aí!... O meu livro!...

Matilda – Seu Galileu, esse livro tem que chegar na Holanda, senão ninguém vai ler...

Eu vou levar o livro pra Holanda.

Galileu – Pra Holanda?... (*Pensa*) Então... espera... (*Apanha um papel na escrivaninha*) Toma. Leva isso. (*Matilda guarda o papel dentro do livro*) Se você conseguir chegar na Holanda, procura um desses homens. Diz que está com o livro. (*Matilda põe o livro dentro da mochila de Einstein*) Mas cuidado, muito cuidado!...

Matilda – A gente tem que ir! Vem!

Einstein (*Para Galileu*) – Vai dar tudo certo...

Todo mundo vai ler o seu trabalho!

Saem.

Galileu (*Perplexo*) – Lei da Gravidade... Bom, explica um bocado de coisa... (*Procura o Atlas e se dá conta*) Diabo! Ela levou o tal Atlas!!

O foco se apaga.

Tortas de Chocolate

(cena 22)

Acende-se o foco da cozinha, onde o Cardeal de Tal e o Abade estão em êxtase.

Abade (*Orgulhoso, quase íntimo, para o Cardeal*) – E as tortas! As tortas!

Cardeal (*Ergue-se com dificuldade, o ventre exageradamente inchado. Bocejando*) –

Uma sonequinha... (*Boceja*)... depois de uma refeição tão perfeita... (*Vai se arrastando para fora*) Meu filho, você vai ser canonizado!

Abade (*Para Alquimíades*) – Como se chama mesmo essa substância espantosa?! Chocolate? (*Muda de tom*) Chocolate! chocolate... É divino! Bom trabalho, meu filho! Excelente, ex-ce-lente, essa sua invenção! Tão macia, suave e forte ao mesmo tempo...

Sai. Alquimíades o acompanha até a saída.

Matilda e Einstein entram pelo outro lado.

Matilda – Zenão, a gente vai ter que ir pra Holanda.

Zenão – Pra Holanda?

Matilda – É. A gente tem que levar o livro do seu Galileu... (*Idéia*) A gente podia ir até

a Suíça, com as tortas do meu tio... e, de lá...

De Volta para o Futuro

(cena 23)

Alquimíades se volta e vê Matilda e Einstein.

Alquimíades (Para Matilda. Vitorioso, eufórico) – Ha! Matilda, eu inventei um negócio genial com a coisa que o seu “sábio” não quis! Chocolate!

Matilda (Tem uma idéia) – Tio? Presta atenção. Você vai mandar o Einstein de volta, não vai?

Alquimíades – Agora mesmo!

Einstein (Todo contente) – Agora?!

Alquimíades – Agora, agora! Senão clareia e aí não dá mais.

Einstein vai catar as suas coisas para guardá-las na mochila.

Matilda – Tio? Você não pode mandar eu e o Zenão pra Holanda?! Do mesmo jeito?! Pela Luz?!

Alquimíades (Assustado) – O quê?! Não, Matilda! Nem pensar!

Matilda – Mas por que, tio? Você vai mandar ele...

Alquimíades (Baixo) – Matilda, eu não posso fazer isso! Eu nem sei se ele vai chegar inteiro do outro lado!

Matilda – Mas, tio, ele tá inteirinho, aqui!

Alquimíades – É... Mas era pra ter vindo grande e veio criança, né?! Ele veio traduzido,

mas os livros, não... Eu não controlo direito esse negócio! E ele é um só, vocês são dois... Sei, lá... Não dá! Não é só dizer “Leva eles pra Holanda”!

Zenão – Então, Alquimíades, você tem que dizer ao Abade que a gente precisa ir pra Suíça, cuidando das tortas...

Matilda – Tio, eu não posso mais ficar aqui! Eu tenho que ir!

Alquimíades – Mas, aí, vocês vão embora? Os dois?... E eu...

Zenão – Alquimíades, as tortas de chocolate vão ganhar o concurso, e você vai ficar famoso!

Einstein – Nossa! Os suíços adoram chocolate!.. Tudo o que tem chocolate! E, olha, quando eu chegar lá, no futuro, eu vou dizer que você me trouxe pra cá... pro passado...

Alquimíades – Não! Não faz isso, não! Vão dizer que você é maluco! Eu passei a vida ouvindo isso! Você acaba acreditando. E, depois, eu nem sei se, quando chegar no seu tempo, você vai poder lembrar do que aconteceu. (*Anima-se*) Você disse que na Suíça eles adoram chocolate? Então eu vou ficar famoso aqui mesmo! Bom, agora é hora de voltar! (*Coordena*) Zenão, o círculo. Matilda, o pote de orvalho...

Matilda – Zenão?! A gente vai pra Suíça, Zenão! De lá, a gente vai pra Holanda! E

depois, Zenão, a gente vai ver o mundo!
(*Estranha a reação de Zenão*) Que foi? Zenão,
você não tá mudando de idéia, tá?

Zenão – Não. Não. Não mesmo. Mas é que
dá uma coisa... Sei lá... E se não der certo?

Matilda – Se não der certo o quê?!

Zenão – Sei lá, Matilda! Tudo... Eu e você...
Sei lá...

Matilda – Zenão, vai dar certo.

Alquimíades – Ô! Vamos, gente! Daqui a
pouco amanhece! (*Para Einstein*) Você fica
aqui. (*Posiciona-o dentro do círculo, sob o
telescópio*) Não sai daí de dentro. Assim.
Vamos lá. Zenão! Apaga tudo!

Zenão obedece. Matilda se abriga sob a
mesa. Os monges cantam.

Alquimíades – Luz das Estrelas, espelho do
universo, morada do tempo, viajante das
sombras; inverte o teu sentido e vem buscar
o teu fruto mais rico. (*A inversão começa.
Para Matilda*) Mas... Matilda... me explica
uma coisa. Por que pra Holanda? O que é
que vocês iam fazer na Holanda?!

Matilda – Levar o livro do seu Galileu...
(*Sobressalto*) Meu Deus! Zenão! O livro! O livro
do seu Galileu está na maleta dele!

Zenão corre até Einstein, abre a maleta e
procura o livro. O feitiço em curso, crescendo
de intensidade.

Alquimíades – Não! Sai daí!! Já começou!
Sai daí, Zenão!!

Zenão lança o livro para Matilda. A
inversão se completa com Zenão dentro
do círculo. B.O.

De Volta para o Passado

(cena 24)

Zenão acende uma lâmpada e fala com a
platéia. Os demais vão acendendo as outras.

Zenão – Foi assim. E agora eu estou aqui.

Zerê (*Perto de Pancada*) – Então? Era isso?
Acabou?

Zenão (*Desconsolado*) – Acabou.

Zerê – Ah, então me dá os meus óculos
aqui... (*Põe os óculos*) Ai! Que maravilha! Tô
vendo tudo de novo!

Zenão – Tsk! Se esse tubo fosse um
telescópio de verdade, eu invertia a Luz das
Estrelas e voltava agora mesmo... (*Repara nos
óculos*) Peraí... Eles são diferentes, esses
vidros! Um é maior que o outro?!...

Zerê (*Tirando os óculos para mostrar melhor*)
– Os óculos? Ah, são. Eram dois vidrinhos
diferentes... Acaba que esse olho vê melhor
que o outro... Melhor que não ver nada. Eu
não via nada, nada, nada...

Zenão (*Arrebatando os óculos*) – Me
empresta isso aqui...

Zerê – Mas... Não! Eu acabei de pegar de
volta!

Zenão (*Tirando as lentes da armação*) – No
fim eu te devolvo!

Zerê (*Enquanto Zenão tenta fixar as lentes nas extremidades do tubo*) – Ah, puxa!, injusto isso...

Zenão (*Encaixa uma das lentes*) – Olha isso!

Zerê – Olha o quê?! Eu não estou vendo nada...

Zenão encaixa a outra lente.

Lelé – Nossa!

Pancada – Perfeito! Perfeito, olha!

Zenão – Elas encaixam direitinho! Só tive que forçar um pouco... Como é que era a coisa, lá? (*Começa a apagar as velas*) A evocação?!

Pancada (*Imita o tom grandíloquo de Alquimíades*) – “Luz das Estrelas, espelho do universo...

Zenão – Ah! Isso, isso! Só que eu acho que eu tenho que pedir pra ela vir me buscar, assim, no fim: “...e leva de volta este teu filho perdido!” Acho que dá certo. Ah! E eu tenho que pedir pra ela me levar pra Suíça, que a Matilda já deve estar na Suíça há muito tempo... E o orvalho! Eu preciso de orvalho!

Zerê – A noite está fria. Deve ter orvalho na borda da janelinha.

Zenão sobe na escada, alcança a janela e colhe orvalho com um paninho.

Zureta – Mas se não der certo, isso?

Lelé – Se não der certo o quê?

Zureta – Ué... Pode não dar certo. Pode não dar certo, mesmo! (*Mostra o tubo*) Olha esse

troço, aí!

Pancada (*Cismando*) – Olha... eu acho que a gente devia fazer a mesma coisa.

Zureta – Fazer a mesma coisa?! Fazer o quê, “a mesma coisa”?!

Pancada – Ir embora, ué! Sair daqui! Pensa só! Cada um de nós podia pedir pra ir pro seu próprio tempo! Acabava essa briga...

Zureta – Mas eu estou no meu próprio tempo!

Pancada – E daí? O máximo que pode acontecer é a gente voltar pr’aqui mesmo...

Zureta – Mas não é mesmo! Vocês podem acabar presos no tempo!

Lelé – Mas... vem cá... “Preso no tempo”?! “Preso no tempo”?! (*Abrange a cena com um gesto amplo*) E isso aqui você acha que é o quê?! Mais preso no tempo do que isso?!

Breve silêncio. Zenão volta, com o paninho nas mãos.

Zenão – Consegui... Consegui... É orvalho! Deu pra molhar um pouco o paninho...

Lelé – Zenão, a gente pode ir com você? A gente quer ir com você!

Zureta – Eu não!

Pancada – Então fica. Ninguém está dizendo que você tem que ir.

Zenão (*Surpreso*) – Pode... (*Sopesando o paninho*) Eu acho que dá... Deve dar... (*Muda de tom*) Olha, já, já clareia. Se a gente não vai logo, só amanhã...

Pancada – Não. *(Para os outros)* Vambóra!
A gente tem que aproveitar a carona!

Traça o círculo, os outros se posicionam,
exceto Zureta.

Zerê – Espera! As minhas lentes vão ficar
aqui?! Como é que eu vou saber onde eu
cheguei? Eu não enxergo nada!

Lelé *(Pega duas garrafas do cenário e as
entrega a Zerê)*– Toma. Chegando lá você
faz outro.

Zureta – Vocês são loucos!

Pancada – Completamente!

*Apaga a última lâmpada. A Luz das Estrelas
entra pela janela.*

Zenão – Luz das Estrelas, espelho do
universo... *(A Luz começa a se inverter e os
sons vêm surgindo. Sobre os sons, para
Zureta)* – Você vai ficar aí, sozinho?!

Todos – Anda! Vem! Deixa de ser assim!
(Etc.)

Zureta cede e une-se ao grupo.

Zenão – ...morada do tempo, viajante das
sombras; inverte o teu sentido, vem me
buscar e me leva de volta pro meu lugar no
tempo... e pra Suíça! *(Para os outros)* Diz, aí,
gente!

Cada um grita o ano em que pensa que vive.

Pancada – 2010!... Antes de Cristo!...

Zureta – Eu venho pra cá mesmo. Pra 1915!

Zerê – 1355! Eu vou pra 1355!...

Lelé – Sei lá... 2007? Me leva pra 2007!

Soa a Música das Esferas.

Zenão – A Música das Esferas!...

A música cresce e a luz se torna mais intensa.
A inversão está em pleno curso.

Zenão – Matilda, eu consegui! Eu estou
invertendo a Luz das Estrelas!!

*A inversão se consuma, só que, desta vez,
quando as luzem se apagam, a música
continua, espiralada e ascendente.*

F i m